

L. BERTRAND

A MAÇONARIA SEITA JUDAICA

*SUAS ORIGENS, SAGACIDADE
E FINALIDADES ANTICRISTÃS*



FAC-SIMILE

*Com um prefácio sôbre A MAÇONARIA E O BRASIL e um
apêndice sôbre O TALMUD E OS JUDEUS, pelo Tradutor.*

TRADUÇÃO DE GUSTAVO BARROSO

I. BERTRAND

A MAÇONARIA SEITA JUDAICA

Suas origens, sagacidade e finalidades anticristãs

TRADUÇÃO DE
GUSTAVO BARROSO

Com um prefácio sobre A MAÇONARIA E O BRASIL
e um apêndice sobre O TALMUD E OS JUDEUS,
pelo Tradutor



AGENCIA MINERVA - EDITORA

CAIXA POSTAL, 1991 - S. PAULO

1938

FAC-SIMILE

Índice

Introdução:

A MAÇONARIA E O BRASIL

por Gustavo Barroso 7

Origem e finalidade da maçonaria9

O segredo maçônico e os juramentos 10

O Estado no Estado..... 16

Internacionalismo maçônico 16

Sociedade secreta política 18

Ação anticristã..... 20

Uma justiça secreta..... 22

A MAÇONARIA - SEITA JUDAICA

Suas origens, sagacidade e finalidades anticristãs, por I.
BERTRAND 23

Aos meus leitores (Prefácio do autor) 25

A Maçonaria - Seita judaica - (Preâmbulo)27

Cap. I - A Kabala ortodoxa 31

Cap. II - A kabala farisaica tornada mais tarde kabala
maçônica 31

Cap. III - Digamos uma palavra sobre a moral talmúdica
..... 33

Cap. IV - Como não é conversa fiada o que precede.
Três cabeças num só boné 37

Cap. V – O que pensam disso os próprios interessados	39
Cap. VI - Ler por favor, atentamente o que segue	45
Cap. VII - Confissões dos chefes da seita	49
Cap. VIII - Nada de novo debaixo do sol	55
Cap. IX - Inimigos irreconciliáveis de Deus e dos Goym	59
Cap. X - Dirigentes e ingênuos	65
Cap. XI - Se falássemos dos chefes desconhecidos	69
Cap. XII - Meios e ação dos chefes desconhecidos	73
Cap. XIII - Os judeus arrancaram a máscara	77
Cap. XIV - Poder da palavra de ordem dada pelos chefes desconhecidos	81
Cap. XV - Algumas observações para registrar com cuidado	87

A p ê n d i c e:

<i>O TALMUD E OS JUDEUS</i> - por Gustavo Barroso	91
Textos escolhidos do Talmud	97
O Schulchan Arukh (<i>A mesa preparada</i>)	103
A voz de Jesus e de seus apóstolos	109
Os judeus condenados pela Bíblia	111
Os judeus e a igreja	117

Introdução

A MAÇONARIA E O BRASIL

por **Gustavo Barroso**

ORIGEM E FINALIDADE DA MAÇONARIA

SEGUNDO reza a *“Biblioteca Maçônica ou Instrução Completa do Franco-Maçon”*, editada em Paris em 1864 e aprovada pelo Grande Oriente do Brasil, os antigos mistérios judaicos servem de tronco à Maçonaria Moderna. Alguns israelitas, tendo habitado o Egito e voltado, depois, à Judéia, fundaram em 1550, antes da era vulgar, os três seitas Ciniana, Recabites e Essênia. Mas, de todas, a ciniana é a que mais relação tem com a iniciação. Os iniciados nos mistérios Essênios viviam como “Irmãos” e a iniciação a seus mistérios não era facilmente concedida (vol. 1º, págs. 43-44)”. No seu *“Cours complete de Maçonerie”*, o maçom Vassal ensina que os mistérios maçônicos dos Essênios precederam os de Salomão, que nada mais foi senão o seu restaurador ou reformador. Daí a lenda concernente à fundação da Maçonaria durante a construção do Templo salomônico, todas as palavras, termos, expressões e símbolos judaicos que enchem os Rituais da Maçonaria. Tanto assim que, – diz a *“Instrução Completa”* citada, à pag. 46 do vol. 1º, – “a esperança de tornar um dia a reconstruir o Templo de Salomão foi introduzida nos mistérios maçônicos”. Acrescenta à pag. 47 que os iniciados Essênios, espalhados pela superfície do globo continuaram a transmitir os seus mistérios. E mais,

textualmente: “Mas é principalmente depois do estabelecimento dos Bárbaros na Europa, que os judeus, então os únicos viajantes, necessitados de uma proteção cosmopolita, entraram em grande número de lojas e lá fizeram prevalecer seus usos e costumes. As insígnias maçônicas fizeram cair em desuso as da Iniciação primitiva; e a Iniciação mesma perdeu e trocou seu nome pelo de Maçonaria.

Entre a Maçonaria antiga, já infiltrada de judeus, como se viu, e a Maçonaria moderna, mais infiltrada ainda, serviu de ligação a famosa Ordem do Templo, dos Cavaleiros Templários, a qual, na opinião do maçom Vassal, na obra precedentemente citada, era “um anel da grande cadeia da Iniciação mística, colocada entre os tempos antigos e os tempos modernos”. Os fins de semelhante Iniciação mística, declara o maçom G. Dumast, luminar da Ordem, tem em vista “o mundo inteiro povoado de homens probos e virtuosos”. É uma finalidade, portanto, cosmopolita, internacional. Por isso, no “Ritual do 32º grau – Mestre”, de 1916, publicação oficial do Grande Oriente, pág. 95, o maçom promete “trabalhar pela emancipação da humanidade”.

Como se vê, documentadamente, a maçonaria nada tem de nacional na sua origem e na sua Vitalidade. Nada tem de brasileira, a não ser o disfarce do nome. É judaica e internacional. Na sua constituição íntima também. A mesma “Instrução Completa”, vol. I, págs. 101 e segs., enumera cinco Ritos principais da Maçonaria. O 1º é o Rito Simbólico, que “existe em toda a parte do globo”, com três graus. O 2º é o Rito Escocês, com trinta e três graus, sendo que o seu grau 32º é consagrado ao “comando militar da Ordem” (op. cit., pág. 105), o que não deixa de ser bastante curioso. O 3º é o Rito Moderno ou Francês, com sete graus em duas séries. O 4º é o Rito de Misraim ou Egípcio, com quatro séries de graus, duas de

trinta e três, uma de onze e uma de doze. O 5º é o Rito de Adoção, destinado às mulheres. A “Constituição” do Grande Oriente do Brasil reconhece os seguintes Ritos: Escocês antigo e aceito, Adonhiramita, Moderno ou Francês, York e Schröder. Que há de nacional, de brasileiro numa organização dessa natureza?

Além desses Ritos, há outras Ordens Maçônicas como os Martinistas, os Cabalistas, os Rosa-Cruz da Alemanha, os Carbonários da Itália e os Iluminados da Baviera, subdivididos em múltiplas associações. Estes últimos infiltraram-se nas Escolas Superiores, sobretudo nas Faculdades de Direito, com o pretexto da prática da beneficência através da chamada Burschenschaft ou Sociedade de Companheiros, que, nos meios estudantis do Brasil, recebeu o nome de Bucha. Esta sociedade secreta universitária é perigosíssima, porque perverte a alma da mocidade que a ela se escraviza para fazer carreira, de modo que um país fica aprisionado numa rede de funcionários, políticos, professores e magistrados filiados a uma organização secreta de origem estrangeira e de fins cosmopolitas. Ela conta os seguintes graus: Catecúmeno, Crente e Apóstolo; depois, o Conselho dos Apóstolos com seu presidente, o Conselho dos Iluminados com o seu e o Conselho dos Divinos com o seu.

O SEGREDO MAÇÔNICO E OS JURAMENTOS

Para fazer parte da Maçonaria, pronunciam-se juramentos terríveis, que mostram haver lá dentro segredos também terríveis. Em nenhuma conspiração se exigem compromissos tão fortes. Podem ser lidos na citada publicação oficiosa. A págs. 191-192, vem o juramento do Aprendiz, 1º grau:

“Juro e prometo sobre os Estatutos Gerais da Ordem e sobre esta espada, símbolo da honra, perante o Grande Arquiteto do Universo, guardar inviolavelmente todos os segredos que me forem confiados por esta Respeitável Loja, bem como tudo o que eu nela vir e ouvir; nunca escrevê-los, traçá-los ou deixar deles vestígios de qualquer maneira que seja, sem que se me seja dado uma licença expressa de a fazer e, nesse caso fá-lo-ei do modo que me for indicado. Prometo amar meus Irmãos e socorrê-los, segundo minhas faculdades; prometo, além disso, conformar-me com os estatutos e regulamentos desta Respeitável Loja. Consinto, se eu vier a perjurar, que o pescoço me seja cortado, o coração e entranhas arrancados, o meu corpo queimado, reduzido a cinzas e minhas cinzas lançadas ao vento, e que minha memória fique em execração entre todos os maçons!”

A maçonaria afirma ser uma sociedade beneficente. Será necessário semelhante juramento para se praticar a beneficência, mesmo ocultamente? Parece que ninguém será tão tolo que acredite nisso.

As págs. 257-258, o juramento do 2º grau, Companheiro:

“Juro e prometo ao Grande Arquiteto do Universo, em vossas mãos, Mestre Venerável, e a todos os meus Irmãos, debaixo da fé do meu primeiro juramento, de guardar e conservar fielmente os segredos que me vão ser confiados, de não os comunicar, de qualquer maneira que seja, aos Aprendizes; e sujeito-me às penas do meu primeiro juramento, no caso de infração.”

A Maçonaria nega ser sociedade secreta sob o pretexto de ter estatutos devidamente registrados como sociedade civil. Então, para que o juramento repetido de guardar segredo sobre o que há lá dentro for revelado, guardá-lo dos próprios Irmãos de grau inferior, guardá-lo sob pena de morte, como fica provado com os documentos citados? Se tais segredos fossem coisa boa, não precisariam ser tão rigorosamente defendidos. O que é bom se pratica à luz do sol.

Veja-se a corroboração do exposto à pág. 321 do vol. I da mesma obra. É o juramento do 3º grau, Mestre.

“Juro e prometo, em presença do Grande Arquiteto do Grande Universo, debaixo da minha palavra de honra, e da minha fé de Maçon, dliante desta Respeitável Assembléia, de não revelar de maneira alguma a nenhum Companheiro, Aprendiz ou Profano, segredo algum do grau de Mestre, dos que me tem sido ou hão de ser confiados, debaixo das penas a que me sujeitei pelos meus juramento. Neste momento repito todos os juramento que já contrai na Ordem.”

Verifica-se pelo documento que há, segredos na Maçonaria guardados em compartimentos estanques e somente revelalos conforme o maçom vai subindo de grau. A tais segredos cegamente se escraviza aquele que jura. E, se a Maçonaria exigir dele atitude contrária aos interesses de sua, pátria, das instituições tradicionais de seu país, da disciplina militar, no caso de ser oficial? Note-se que, em nenhum desses juramentos, se prometem fazer coisa alguma pelo Brasil. Todas as finalidades ficaram ocultas no segredo.

Leia-se o juramento do 5º grau, Grande Eleito Escocês, no vol. II, págs. 51-52:

“Juro e prometo, na presença desta assembléia, de nunca revelar os segredos, direta ou indiretamente, aos profanos nem aos maçons inferiores, etc...”

Tudo isso para a prática inocente da filantropia parece demasiado a qualquer pessoa de mediano bom senso.

Os juramentos de todos os graus, contidos por inteiro nos volumes da “Instrução Completa” comprovam a existência de segredos que se não revelam a profanos nem mesmo a maçons de grau inferior. Esse cuidado demonstra que tais segredos são muito graves, tanto que se ocultam de tal modo. Ora, numa sociedade bem organizada e que se defende da ação das forças ocultas, não se podem nem devem permitir associações que escravizam os cidadãos por meio de juramentos dessa natureza. O Código Penal proíbe por isso as sociedades secretas. A Maçonaria escapa à lei com o eufemismo de registrar estatutos e se declarar sociedade civil; mas seus próprios juramentos a acusam de guardar segredos que lhe não convém sejam revelados nem a seus próprios membros ainda não completamente experimentados. Naturalmente, nenhum desses segredos se imprime, mas é claríssimo que, se tudo o que se passa nas lojas fosse o que preceituam Rituais, Cobridores, Regulamentos, Estatutos ou Constituições, seriam incompreensíveis, senão infantilmente ridículos, juramentos tão solenes e tétricos, juramentos mortais.

O juramento do grau 18º, Rosa Cruz, é um documento notável em favor da tese exposta. Está na op. cit., vol. II, pág. 161:

“Prometo, debaixo de Palavra de honra, pelos mesmos juramentos que já prestei nos graus antecedentes, de jamais revelar os segredos dos Cavaleiros da Águia, com o título de Rosa Cruz, a um Irmão de grau inferior, nem a profano algum, sob pena de ficar para sempre privado da palavra, e de viver perpétuamente nas trevas, seja meu corpo a fonte de um rio contínuo de sangue, sofra minha alma as maiores angústias; seja meu leito formado pelos espinhos os mais penetrantes, minha única bebida o fel e o vinagre, e enfim perca eu a vida sobre uma cruz, se transgredir as leis que vão ser-me impostas. Prometo outrossim nunca revelar o lugar onde fui recebido nem por quem o fui!”

Além dos juramentos, os Maçons se reconhecem por meios de sinais secretos, de toques rituais, de palavras cabalísticas que se mudam semestralmente, usando diversos alfabetos, quando se escrevem. Esse sistema de escrita secreta pode ser verificado na referida “Instrução Completa”, no Regulamento do do Maçon, vol. II, pranchas 11 e 12, pág. 269, vol. III, est. 7. O que o livro não publica, porém, é a combinação criptogramática dos hieroglifos e caracteres desses alfabetos.

É claro, pois, que a maçonaria forma verdadeiro quisto no seio da sociedade brasileira. Regula-se até por um calendário especial (Vide op. cit. vol. II, págs. 335, 341, etc.), que todos os anos o Grande Oriente faz imprimir. Sua era é denominada ERA MAÇÔNICA e segue a Cronologia hebraica. “O ano maçônico é o ano legal e religioso dos hebreus, que começa no mês de Nisan, o qual corresponde ao mês de Março da Era Vulgar, época em que (segundo o Êxodo, cap. XII, v. 40) os hebreus saíram do Egito”, declara o livro citado à pág. 341.

Maçonaria Brasileira? Com origens hebraica, calendário judeu e ritos franceses ou escoceses?

O ESTADO NO ESTADO

Esse quisto constitue pela sua organização um verdadeiro Estado oriundo de tradições judaicas dentro do organismo nacional. Na sua pág. 14, a Constituição do Grande Oriente do Brasil trata dos Poderes Maçônicos. É o capítulo III. Leiamos o art. 26º: “O GOVERNO DO GRANDE ORIENTE DO BRASIL, que tem por órgãos os PODERES LEGISLATIVO, EXECUTIVO, E JUDICIÁRIO, constitue-se tendo por base o sufrágio de todo o POVO MAÇÔNICO.”

Aí estão todos os elementos constitutivos de um Estado dentro do Estado e Estado Secreto. Há o Povo Maçônico. Há os três Poderes.

INTERNACIONALISMO MAÇÔNICO

Essa sociedade de origens judia, cosmopolita, intermacional, antinacional, baseada em segredos guardados sob juramento de morte, declara-se de caridade, mas está unida a outras entidades do mesmo caráter que funcionam em países estrangeiros. Vejam-se os documentos:

No art. 29º § 2º letra a do Cap. III da Constituição precatada se declara que UM REPRESENTANTE DAS POTÊNCIAS MAÇÔNICAS ESTRANGEIRAS FARÁ PARTE DO CONSELHO GERAL DA ORDEM. Já se vê que o estrangeiro participa da direção interna da sociedade ou, pelo menos, a fiscaliza. O Cap. VIII da referida Constituição preceitua no art. 53º, nº 2: manter assídua correspondência com as Potências Maçônicas Estrangeiras. O Cap. XIII regula todas essas relações exteriores.

Não pode restar a menor dúvida quanto ao caráter internacionalista da Maçonaria diante destas palavras da pág. 89 do "Ritual do 3º grau, Mestre" de 1916, com o Caráter de Autenticidade do Grande Oriente. Refere-se à lenda judaica de Hiram, suposto fundador da Maçonaria: "Esta legenda liga entre si por um caráter comum, testemunho de uma origem comum, AS DIFERENTES FEDERAÇÕES MAÇÔNICAS ESPALHADAS NA SUPERFÍCIE DO GLOBO." Trata-se, portanto, de federações de sociedades secretas espalhadas pelo Mundo, unidas entre si por uma origem comum, judaica, escapando ao controle das polícias e dos governos, visando finalidades secretas, no que é manifesto perigo para a Ordem Social.

Nos diplomas maçônicos, em pergaminho, geralmente em várias línguas, recomenda-se que TODOS OS MAÇONS DO UNIVERSO considerem o portador como digno Irmão: "o reconheçam e protejam, como Nós fazemos àqueles que invocarem o Nosso auxílio". O próprio diploma é endereçado a TODOS OS MAÇONS REGULARES DO UNIVERSO.

Todas as dúvidas que porventura ainda possa haver sobre as ligações internacionais da Maçonaria Brasileira desaparecem diante desta publicação maçônica: "Bolelim Comemorativo do Cinquentenário da extinção da escravidão em São Gabriel, levada a efeito pela Beneméríta, Augusta e Respeitável Loja Simbólica Rocha Negra", à pág. 6: "Que o mais alto Corpo Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito é o Soberano Supremo Conselho do Grau 33, presidido por mim Soberano Grande Comendador. Que um Supremo Conselho só é legítimo, quando instituído por Carta Patente fornecida por outro Supremo Conselho Confederado. Que não é permitida a existência de mais de um Supremo Conselho em cada país, a não ser nos Estados Unidos, onde existe um Supremo Conselho para a Jurisdi-

ção do Norte da República e outro para a Jurisdição Sul, em atenção à vastidão e enorme população do país e isto mesmo conseguido por meios regulares. Que existem atualmente 36 Supremos Conselhos em todo o Universo, que se reúnem em Congressos Internacionais de cinco em cinco anos. Que um Supremo Conselho só pode funcionar com a presença de onze de seus membros, no mínimo... Em 1839, foi fundado no Rio de Janeiro o Soberano Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito para o Brasil, com Carta Patente fornecida pelo Supremo Conselho da Holanda... Em 1861, ligou-se ao Supremo Conselho o Grande Oriente do Brasil, fundado na mesma Capital em 1831 e que trabalhava pelo Rito Francês ou Moderno. Unidos esses dois Altos Corpos Maçônicos, passou o mesmo Irmão que era eleito para o cargo de Grão Mestre do Grande Oriente a ser eleito também para o cargo de Grande Comendador do Supremo Conselho... Tendo sido advertido pelos seus congêneres, em vários Congressos Internacionais, de que essa organização poderia arrastá-lo a irregularidades maçônicas, o Supremo Conselho do Brasil fez sentir em 1921 ao Grande Oriente que ela lhe era prejudicial e desde 1925 passou-se a eleger Irmãos diferentes para a presidência dos dois Altos Corpos Maçônicos.

SOCIEDADE SECRETA POLITICA

A Maçonaria garante ser apolítica, como garante ser filantrópica o brasileira. Seus documentos provam o contrário. Leiam-se alguns: "Sessão das Lojas Independência e Regeneração, 3º em Campinas, Província de São Paulo, em 20 de Junho de 1888. Estas Augustas Lojas, no exercício pleno dos direitos mais artigos de nossa Sublime Ordem, vêm solicitar o concurso e a cooperação

dessa Augusta Loja para uma representação ao Sapiientíssimo Grande Oriente no sentido que passamos a expor: Em sessão plenária realizada em comum no dia 15 do corrente foi discutida e aprovada a proposta seguinte: “Propomos que essas Augustas Lojas, inspirando-se no Santo Amor da Pátria, se pronunciem com leal franqueza contra a próxima instalação do 3º Reinado, pelo previsto, ainda que lamentável, falecimento do Senhor D. Pedro II. A Senhora Princesa Regente, futura Imperatriz do Brasil é notoriamente católica fanática e seu espírito fraco todos sabem que é dirigido pelos padres romanos. O Príncipe consorte Senhor Conde d’Eu é um homem avarento educado na fatal escola do direito divino e do predomínio militar. É claro, portanto, que a futura Imperatriz do Brasil, ou seja pela influência dos seus confessores, ou de seu esposo, presidirá à mais intransigente perseguição à Maçonaria do Brasil. Em tal conjuntura, é dever inelutável de nossa Ordem colocar-se ao lado da Pátria e, CONSPIRAR RESOLUTAMENTE contra o 3º Reinado...” Assinaram esta circular de convite para CONSPIRAR os veneráveis, vigilantes, oradores e secretários das duas Lojas.

Pelo documento verifica-se que a Maçonaria lançava acusações infantis contra os dois Príncipes e, falando para disfarçar, no amor da Pátria, resolvia CONSPIRAR com o medo de uma futura perseguição contra a sua existência. A essa conspiração visava a mudança das instituições do País. Não é isso conspiração política bem caracterizada?

A 19 de Abril de 1936, o Oriente de Porto Alegre estampou ali, na Seção Livre do “Correio do Povo”, uma Proclamação, confessando as atividades políticas conspiratórias e revolucionárias da Maçonaria, de que vão a seguir alguns trechos: “E, na celebração do Pri-

*meiro Centenário de um dos três feitos maçônicos do Brasil. (1822, 1835-45, e 1889), queremos abraçar fraternalmente a todos os nossos irmãos de raça... quer do ponto de vista ideológico e quer na feição política, já não pode caber a mínima dívida sobre o fato de haver sido a Grande Revolução (dos Farrapos) um movimento visceralmente maçônico, de **jure** e de **facte**... As insígnias do Estado, as proclamações de época, tudo quanto existe de autêntico sobre a Grande Revolução serve para atestar a estruturação genuinamente Maçônica do Movimento.”*

Ultimamente, o vespertino carioca “O POVO” publicou em “cliché” vários documentos comprobatórios das articulações da Maçonaria com os elementos comunistas da extinta Aliança Nacional Libertadora. O documento do Komintern revelado pelo Estado Maior do Exército, que provocou o Estado de Guerra, claramente se refere ao papel da Maçonaria no desencadear do movimento comunista no nosso país.

AÇÃO ANTICRISTÃ

Provemos agora a ação da Maçonaria contra as bases institucionais da civilização cristã.

Sob o reinado de Luiz Felipe, em França, um judeu que se ocultava sob o pseudônimo de PICCOLO TIGRE, assim redigiu umas instruções destinadas aos agentes superiores das Lojas Maçônicas do Piemonte:

“O essencial é isolar o homem de sua família o corromper-lhe os costumes. Não há quem não aprecie a distração dos cafés e espetáculos. Insinuai discretamente a má vontade ao trabalho; mostrai como todos os deveres são penosos. O homem nas-

ceu rebelde. Aquecei até ao rubro êsse desejo de rebelião. Mas,... cuidado! E' preciso impedir, conter o incêndio. Isto é apenas uma preparação para a grande obra que devemos começar. Quando tiverdes infiltrado nas almas o desgosto da família e da religião, deixai escapar uma palavrinha que excite a curiosidade de entrar para uma Loja Maçônica."

Essas cínicas e imorais instruções trazem a data de 18 de Janeiro de 1822 e foram divulgadas depois de autenticadas, por Bertrand, no opúsculo célebre "A Maçonaria Seita Judaica", que traduzimos neste volume.

O irmão Blatin, presidente do Grande Colégio dos Ritos Maçônicos, declarou alto e bom som: "A Maçonaria tem uma moral particular: ela exalta o que o catolicismo condena e condena o que o catolicismo exalta."

Os que se orgulham de pertencer a uma sociedade cristã, deveriam querer saber o que pensa a Maçonaria do pudor: "O pudor é uma invenção moderna, filha do desprezo cristão pela forma e pela matéria." Foi com estas palavras de Teófile Gautier que, em 19 de Dezembro de 1911, um conferencista maçom definiu o pudor em sessão da Loja francesa "Le Portic" (Vide "Action Catholique", - n.º 25 de Maio de 1912).

Nada mais contrário aos sentimentos cristãos do que o prática do chamado MALTHUSIANISMO. Pois bem, processado um dos apóstolos dessa causa infame, o maçom e judeu Paul Robin, foi defendê-lo no juri em Paris o judeu e maçom Salomão Reinach, que disse ao terminar o seu discurso maçônico: "Paul Robin merece uma estátua!"

UMA JUSTIÇA SECRETA

Além disso, segundo consta da "Constituição" do Grande Oriente, a Maçonaria se arroga o direito de possuir uma justiça de caráter secreto, com tribunais de várias instâncias, inscritos nas disposições do cap. XVII. Essa justiça Maçônica se rege por um Código Penal a que se refere o mesmo Capítulo, o qual não é conhecido de ninguém a não ser dos maçons dos altos graus. Isso é absolutamente incompatível com uma sociedade devidamente policiada.

PORTANTO:

A Maçonaria, a Carbonária, o Iluminismo, a Burschenschaft e outras organizações da mesma natureza são pela suas origens e finalidades contrárias fundamentalmente às tradições do Povo Brasileiro e aos interesses da Nação; são associações de caráter secreto e, na essência, antinacionais e anticristãs, embora procurem aparentar outra feição; e tais sociedades exigem de seus membros juramentos contrários aos deveres morais dos civis, à honra e a disciplina dos militares.

A MAÇONARIA - SEITA JUDAICA

Suas origens, sagacidade e finalidades anticristãs

por

I. BERTRAND

Titulo do original desta tradução:

LA FRANC-MAÇONNERIE

Secte Juive

Ses origines, son aprit et le but qu'elle poursuit

par

I. BERTRAND

ÉDITION de la Librarie Bloud et Cia - Paris, 1903

Aos meus leitores

O fim único que me propus, ao escrever este panfleto foi o de esclarecer os que me lerem sobre a origem de uma seita, cujos chefes pretendem reconstruir o poder judeu sobre as ruínas da civilização francesa e cristã.

Pus de lado toda a pretensão literária, limitando-me a citar fatos e a agrupar documentos para deixar ao leitor o cuidado de concluir por si mesmo. Acredito que isso vale mais para a manifestação da verdade do que as considerações pessoais a que me poderia dedicar.

I. BERTRAND

A Maçonaria - Seita Judaica

Secus ac cadaver.

É de origem judaica a Franco-Maçonaria? A afirmativa pode ser sustentada com provas confirmatórias.

O que se não poderia contestar é que, desde há muito, ela é um sucedâneo da Sinagoga.

O Grande-Oriente procura sem dúvida negá-lo. Mas nenhum dos que estão ao corrente da questão crê na sua independência. Sabem todos que ela obedece ao Kahal com uma docilidade que deixa longe de si a passividade que censuram aos discípulos de Santo Inácio.

Procedamos com método.

CAPITULO I

A KABALA ORTODOXA

PRIMEIRAMENTE, chamou-se Kabala ao ensinamento oral que servia de comentário ao texto de lei e que Moisés transmitiu a Josué e àqueles dos seus discípulos que gozavam da sua confiança.

A Kabala compunha-se de duas partes:

A primeira tinha por escopo fixar o sentido das prescrições mosaicas. Sabia-se, por ela, o que era permitido, obrigatório e ilícito.

A segunda tinha carácter puramente dogmático. Tratava da natureza de Deus, da espiritualidade e imortalidade da Alma, do mistério da Santíssima Trindade, da Incarnação do Verbo”, das inteligências celestes, etc., etc.

O conjunto da Kabala formava o Talmud antigo, ou ortodoxo.

Durante o cativeiro de Babilônia, o ensino tradicional sofreu lastimáveis atentados.

Na volta das tribos a Jerusalém, Esdras recebeu de Deus a ordem de consigná-lo por escrito, depois de tê-lo desembaraçado das escórias que o deshonravam.

Os doutores da Lei receberam o depósito do mesmo, mas

abstiveram-se de comunicá-lo ao povo. Nunca falaram do Messias à plebe, e a sua missão e dos caracteres pelos quais teria ele podido ser facilmente conhecido. Por isso, Cristo os reprovava de terem a luz escondida sob o alqueire.

“Os kabalistas da antiga Sinagoga, diz Drach, falavam numa linguagem obscura, ininteligível para o vulgo, das tradições relativas a tal ou qual ponto do que devia constituir mais tarde o dogma cristão (1).”

A Kabala, mercê das manobras interessadas dos rabinos, acabara caindo no esquecimento, quando, no século IV, revelaram ao mundo cristão a sua existência o judeu Paulo. Ricci e Pico Della Mirandola.

Drach faz notar que o estudo da Kabala, ou do que dela restava, teve por efeito reconduzir à Igreja grande número de Israelitas. Vendo isso, usaram os rabinos de todos os meios em seu poder para fazê-la desaparecer.

(1) Drach, *Harmonie*, tomo II. pag. 25.

CAPÍTULO II

A KABALA FARISAICA TORNADA MAIS TARDE KABALA MAÇÔNICA

AO LADO da Kabala ortodoxa, figurava em linha paralela a Kabal ou ensino oral farisaico, que Elifas Levy, o patriarca do ocultismo moderno, considera com razão como constituindo o dogma da *alta magia* (1).

Depois da destruição de Jerusalém, os rabinos recolheram as doutrinas dos antigos fariseus e com ele formaram o Talmud moderno, mescla impura de devaneios absurdos tomados de empréstimo aos Magos, e de princípios de moral capazes de revoltar as consciências menos delicadas.

O Talmud farisaico compõe-se da *Mischna*, a qual forma a base da kabala da esquerda, e da *Ghemara* que é o seu comentário.

Os judeus colocam o Talmud acima da Biblia.

“Os que violam os preceitos dos Escribas, escreve Ferrari e, depois, Maimônides, devem ser punidos mais severamente do que os que violam a lei de Moisés; o infrator da lei de Moisés pode ser absolvido, *absolvi potest*, mas o violador dos preceitos dos rabinos têm de ser punido de morte; *morte moriatur* (2).

(1) Eliphas Levy, *Histoire de La Magie*, pág. 23, Paris, 1880

(2) Vide Drach, *Dexième lettre d'un rabbin*.

CAPITULO III

DIGAMOS UMA PALAVRA SOBRE A MORAL TALMÚDICA

“AS PRIMEIRAS edições do Talmud oferecerem o texto desse código, diz Drach, em toda a sua integridade (1).”

As de Veneza, em 1520, de Amsterdam, em 1600, e a grande tábua rabínica, em quatro volumes impressos por Bomberg, encerram *in extenso* as passagens hostis dos comentadores bíblicos contra os cristãos.

Na edição de Froben, impressor de Basiléia (1581), os censores Marius Marnus, Italus Brakenais e Petrus Cavallerinus suprimiram os diversos parágrafos onde se ultrajava a Cristo, e onde se acusavam os cristãos de vícios abomináveis.

Pouco tempo depois, os judeus acreditaram poder restabelecer integralmente esses textos, na edição de Cracóvia. Mas o Sínodo reunido na Polônia, em 1631, vendo o mau efeito que produziam nos católicos hebraizantes, prescreveu cortá-lo nas futuras edições.

Eis aqui o texto da sua encíclica, para a qual chamamos particularmente a atenção do leitor:

“...Ordenamos, sob pena de excomunhão maior, diz a douta e prudente assembléia, que nada se imprima, nas edições futuras da *Mischna* ou da *Ghemara*, que tenha relação, em bem ou em mal, com os atos de Jesus Nazareno. Ordenamos, por conseguinte, que se *deixem em branco* os lugares que se referem a Jesus Nazareno. Um círculo como

(1) Op. cit., págs.300-301; 1827

este: O, posto no lugar advertirá os rabinos e mestres-escolas para ENSINAREM À MOCIDADE ESTAS PASSAGENS DE VIVA VOZ SOMENTE. Por meio desta precaução, os sábios dentre os Nazarenos não terão mais pretexto de nos atacarem a esse respeito (1).”

Agindo assim, o Sínodo dava prova de circunspeção; mas, a despeito da sua prudência, não podia cancelar tudo quanto é de natureza para levantar a indignação da gente de bem, naquele vasto compêndio.

Creio útil dar aqui umas passagens dele, para a compreensão do assunto que trato.

A *Ghemara* estabelece como princípio que os Judeus são uma emanção da substância divina e os não judeus sementeira de gado.

“O povo eleito, diz o grande Abarbanel, um dos comentadores mais estimados da *Mischna*, é digno da vida eterna; os outros povos, ao contrário, se parecem com burros e serão tratados como tais (2).”

Não menos gracioso é o rabí Alenachem:

“Vós, Israelitas, diz ele, vós sois homens, mas os outros povos não são homens. - Os Israelitas são os únicos chamados homens. Os idólatras - isto é, os discípulos de Cristo - vêm do espírito impuro e devem a esse título, levar o nome de porcos (3).”

Pasmai, depois disso, de que o Talmud permita aos judeus procederem para com os *goyim* (cristãos) com o pouco caso mais absoluto.

“Vós sereis puros com os puros, lenmos nós num dos tratados de que se compõe a obra, e perversos com os perversos (4).”

O judeu não deve saudar o ímpio, isto é, o cristão, a não

(1) Vide Drach, *Harmonie*, tomo I, pág. 187-10

(2) Abarbanel, *no seu comentário* do Hos. IV, pág. 238.

(3) *Jalqút*

(4) Tract. B. Bathra. Tract. Barachoth.

ser que a necessidade da paz exija o contrário.

“É permitida a hipocrisia, neste sentido de que o judeu pode mostrar-se polido para com o ímpio. Que o judeu o honre e lhe diga: Eu vos amo, se o judeu precisar dele”(1).

A Ghemara vai mais longe. Declara que “Deus deu aos judeus todo o poder sobre a fortuna e a vida das outras nações (2).”

Maimônides, o sábio doutor ensina que se “não deve roubar a um judeu, mas se podem conservar os haveres subtraídos a um cristão (3)”.

“Não há mal, afirmam ainda os autores do Talmud, em enganar um *goy* (cristão) e praticar a usura em relação a ele, mas, se venderem algo ao vosso próximo (isto é, a um judeu) ou lhe comprardes o que quer que seja, vos é proibido enganá-lo (4).”

Recomendo à atenção dos leitores a teoria dos talmudistas em matéria de justiça:

“Se um judeu tiver demanda com um cristão, dareis ganho de causa ao primeiro. Assim o quer a nossa lei (5).”

Não é aplicável este princípio senão nos países onde, como no nosso (França) atualmente, a Sinagoga fala como senhora soberana.

Se, ao contrário, os cristãos detêm o poder, deve o judeu recorrer às intrigas e à corrupção.

Eis ainda alguns aforismos que haveria imprudência em desprezar:

“Aquele que dá ao *goy* (ao cristão) o que ele perdeu não achará a graça diante de Deus.- Quando um *goy* tem nas mãos uma letra atestando que emprestou dinheiro a um judeu e, vindo a perdê-la, a encontre outro judeu, este não deve restituí-la (6).”

(1) Tract. Barachoth.

(2) Sepher Cad-Halqqarim

(3) Sepher Ri-Mizvoth. - Jad Chaz, Bilch, Geneba I.

(4) Sepher Cad-Halqqarim

(5) Talm., Tract. Baba Qama.

(6) Nethib, IV.

Ensina Maimonides que “Deus ordena que se pratique a usura para com o *goy* e não se lhe empreste dinheiro a não ser consentindo ele em pagar ao judeu juros que permitirão a este fazer-lhe mal, ao passo que doutra forma se há de agir para com o israelita (1).”

Citemos ainda o sábio conselho que o rabino Schwabe dá aos seus correligionários:

“Se um cristão precisar de dinheiro, deverá o judeu enganá-lo. Com habilidade acrescentará juro usurário a juro usurário, até que a soma seja tão elevada que o cristão se ache na impossibilidade de pagar sem vender os seus bens, ou até que a soma suba a algumas centenas ou milhares, segundo a fortuna do devedor, e tenha o judeu a possibilidade de mover-lhe um processo e obter dos juízes o direito de tomar posse dos bens dele (2).”

(1) Sepher Mizvoth Gadol.

(2) Jüd Deckmantel, pág. 171.

CAPITULO IV

COMO NÃO É CONVERSA FIADA O QUE PRECEDE. TRÊS CABEÇAS NUM SÓ BONÉ

ESSA moral produziu estupefação fácil de compreender nos primeiros tradutores do Talmud.

Nada disso nos espanta a nós que temos visto os judeus, os franco-maçons e os protestantes arrancarem a máscara e contraírem aliança, a ponto de não fazerem mais que uma só e mesma seita.

O alto banco substituiu o emprestador usurário. Opera aquele sobre as coletividades em vez de operar com os indivíduos. É mais vantajoso a seus olhos arruinar um povo do que expropriar um lojista ou um desgraçado caipira.

As vezes também, o alto banco se agarra às necessidades financeiras que lhe fazem sombra, após haver obtido o concurso das Lojas e a cumplicidade dum discípulo de Calvino.

O primeiro, homem político, empresta-lhe o apoio da sua influência, e o segundo, magistrado para fazer tudo, o protege contra as penalidades da lei.

Lembrai-vos da “Union Générale”, do “Comptoir d’Escompte”, do Panamá, dos “Chemins de fer du Sud”, etc., etc.

Esta aliança dos filhos da Viúva com a Sinagoga e os discípulos de Calvino pode ser considerada como um começo de prova em apoio da nossa tese.

Se os membros dessa trindade não firmassem uma só e mesma família, debaixo de três nomes diferentes, teriam eles sustentado com ardor igual ao da causa de Dreyfus e trabalhado como o fizeram na desorganização das nossas forças nacionais?

CAPITULO V

O QUE PENSAM DISSO OS PRÓPRIOS INTERESSADOS

NÃO farei a história da franco-maçonaria. Seria um “hors-d’oeuvre”. Limitar-me-ei a demonstrar que tudo, na organização dos seus diversos ritos, revela aos olhos dos menos atentos a sua origem judaica. Façamos primeiro da maçonaria simbólica, composta de três graus.

É característica a lenda que se conta ao recipiendário, no dia da sua iniciação. Ei-la:

“Quando se construiu o templo de Jerusalém Salomão confiou a Adhoniram o cuidado de dirigir os trabalhos e pagar os operários, que eram em número de três mil. Querendo que o salário correspondesse e ao mérito de cada um, Adhonniram dividiu o seu pessoal em três classes, os aprendizes, os companheiros e os mestres. Cada classe tinha a sua senha e sinais particulares, que deviam ser secretos para que pudesse Adonhiram distinguir os aprendizes dos companheiros e os companheiros dos mestres.

“Tendo três companheiros resolvido descobrir a palavra dos mestres, a fim de receber o salário deles, esconderam-se no templo e aguardaram, a seguir, em cada uma das portas.

“Quando Adhonniram se apresenta para fechar o templo, o primeiro companheiro que encontra lhe pergunta a palavra do mestre. Adhoniram recusa dar-lhá e recebe uma bastonada na cabeça. Foge para as outras duas portas onde padece o mesmo insulto. Tomam-no, então, os assassinos e escondem-no num montão de pedras, em cima do qual colocam um ramo de acácia, para reconhecer o local onde repousa o cadáver.

“O desaparecimento de Adhonniram aflige Salomão que ordena buscas. Um mestre acaba por descobri-lo. Toma-o por um dedo e o dedo se destaca da mão; toma-o pelo punho, e o punho se destaca do braço. O mestre, assombrado, exclama: Mac-Benac! o que significa, dizem os maçons, a carne deixa os ossos.

“Temendo haver Adhonniram revelado a senha, decidem os mesmos entre si que ela será substituída por Mac-Benac, duas palavras que os Irmãos olham como sagradas e se abstêm de pronunciar quando não estão em loja.”

Sabeis de onde tiraram os maçons essa fábula ?

Da paráfrase caldaica dos rabinos.

Querendo provar que Cristo não era Filho de Deus, os talmudistas enfeitaram a dita história com um pormenor que os verdadeiros iniciados conhecem. Pretenderam que, tendo Jesus conseguido introduzir-se no Santo dos Santos, onde estava oculta a palavra, a descobriu e levou, depois de tê-la dissimulado numa incisão que fez na coxa, e foi pela virtude onipotente do nome de Jehovah que ele operou milagres.

Ora, segundo o rito da maçonaria simbólica, a palavra perdida que se trata de achar não é outra senão Jehovah!

A conclusão que é lícito tirar do que se acaba de ler é que a seita maçônica tem origem judaica. Participam desta opinião os próprios francomaçons.

Mas esta prova não é a única que possamos aduzir.

Para receber um Rosa-Cruz, o primeiro vigilante apresenta o candidato ao venerável nos termos seguintes:

“Sapientíssimo, eis-aqui um digno cavaleiro do Oriente que se apresenta ao Soberano do Capítulo, para obter o favor de ser admitido ao sublime grau de Rosa-Cruz.”

O Sapientíssimo toma então a palavra e diz:

“– Digno cavaleiro, quem sois?”

“– Nasci de pais nobres, da tribo de Judá”, responde o recipiendário.

Prossegue o Sapientíssimo:

“– Qual o vosso país?

“– A Judéia.

“– Que arte professais?

“– A Maçonaria.”

O Sapiientíssimo:

“Digno cavaleiro, vós me inspirais a mais perfeita estima, mas nos vêdes acabrunhados de tristeza; tudo mudou, não há mais o primeiro sustentáculo da Maçonaria; a confusão introduziu-se em nossos trabalhos; não está em nosso poder trabalhar mais; rasgou-se o véu do templo, as trevas espalharam-se sobre a superfície da terra, a luz obscureceu-se, quebraram-se as nossas ferramentas, perdeu-se a palavra; não é possível vê-la; entretanto, não é nossa intenção ficar ociosos; procuramos, por uma lei nova, tornar a achar a palavra; tendes o desígnio de segui-la?”

O Recipiendário responde:

“– Sim, Sapiientíssimo.”

“– Prometeis-nos, pergunta ainda o Sapiientíssimo ao Recipiendário, empregar-vos com coragem na manutenção da Maçonaria?”

O Recipiendário: – “Sim, prometo-o.”

O Sapiientíssimo: – “Vinde, pois, prestar juramento de que, se conseguistes conhecer os nossos mistérios, guardareis deles o maior segredo.”

Os dois vigilantes tomam, então, o Recipiendário e conduzem ao pé do altar, onde, joelho em terra, a mão esquerda sobre a Bíblia, que está aberta no Livro da Sabedoria, e tendo na mão direita uma espada e um compasso, ele pronuncia o seu juramento.

Terminado o ato do juramento, sentam-se todos os irmãos e o Sapiientíssimo faz ouvir a última palavra de Cristo no Calvário: *consummatum est*.

Objetar-me-ão sem dúvida que, antes de 1789, os judeus estavam excluídos das Lojas, donde esta conclusão de que não

puderam ser os fundadores da ordem Maçônica.

Eles não figuravam tão pouco nas fileiras dos Gnósticos, dos Maniqueus, dos Albigenses, dos Socinianos, etc., e, no entanto, os historiadores menos suspeitos afirmam que foram eles a alma dessas formidáveis heresias cuja base era formada pela kabala talmúdica.

“A Cabala – ou Kábala – escreve Ragon, o escritor sagrado da Maçonaria, é a mãe das ciências ocultas; e os Gnósticos – aqueles herejes que levaram até a abominação os erros da inteligência .e a perversão dos costumes – nasceram dos cabalistas (1).”

Ragon se esquece de dizer que seus próprios Irmãos de graus filosóficos não coram de contar os representantes da Gnose no número dos seus antepassados.

“Todas as religiões deveras dogmáticas, escrevia em 1861 Eliphas Lévy, saíram da cabala e para ela voltam. Tudo o que há de científico e glorioso nos sonhos religiosos de todos os iluminados, Jacob Boehme, Swedenborg, Saint-Martin, é tomado da cabala; **TODAS AS ASSOCIAÇÕES MAÇÔNICAS LHE DEVEM OS SEUS SEGREDOS E OS SEUS SÍMBOLOS** (2).”

“A doutrina cabalística, diz alhures o mesmo escritor, é o dogma da alta magia, e, velado sob o nome de Cabala, é indicada por todos os hieróglifos sagrados dos antigos santuários e dos **RITOS AINDA TÃO POUCO CONHECIDOS DA MAÇONARIA ANTIGA E MODERNA.**”

Como se não fôra bastante claro o que atrás, se leu, Eliphas Lévy, cujo nome apenas faz autoridade nestas espécies de matérias, acrescenta noutro passo: “A grande associação cabalística conhecida na *Europa sob o nome de Maçonaria* aparece de repente no mundo, no momento em que a protestação contra a Igreja vem desmembrar a unidade cristã (3).”

(1) Ragon, *Maçonnerie Occulte*, pág. 78

(2) Eliphas Lévy, *Dogme et Rituel de la Haute Magie*. T. I

(3) Eliphas Lévy, *Histoire de La Magie*, págs, 24 e 309.

Os nove décimos dos autores maçônicos partilham da maneira de ver de Ragon e Eliphas Lévy. Como, depois disso, pôr em dúvida os elos de parentesco que unem a seita maçônica à sinagoga?

Aos que duvidassem ainda da solidez destas provas, farei observar que Maçons e Talmudistas falam a mesma língua.

CAPITULO VI

LER POR FAVOR, ATENTAMENTE O QUE SEGUE

O SANTO do rito francês é *Tubalcain, Jakin*. O nome de uma outra das colunas do templo de Salomão, é-lhe a senha.

Booz é a senha do rito escocês. Era o nome da segunda coluna do templo e o do esposo de *Ruth*.

O grau de Mestre do rito francês tomou *Giblim* como senha. *Giblim*, que se pronuncia *Guiblime* em língua hebréia, lembra os *Ghiblianos*, encarregados por Salomão, contam os iniciados, da talha das pedras para a construção do templo.

Senha do rito escocês, para o grau de Mestre, *Moabou*, cujo radical hebraico *Moab* ou *Mohab* significa a parte. *Mohab* era o filho incestuoso de *Loth* e sua filha mais velha.

Passemos às lojas de adoção, ou maçonaria das mulheres.

À recepção duma mestra, o quadro representa: 1º a *Escada de mestra*; 2º a *Torre de Babel*; 3º *José na cisterna*; 4º *O sono de Jacob*; 5º *A mulher de Loth em estátua de sal*; 6º *O abrasamento de Sodoma*; 7º *O sacrifício de Abraão*; 8º *Duas terrinas inflamadas*; 9º *A arca de Noé no monte Ararat, etc.*

Babel é o santo; *Havoth-Jaïr*, a senha. Em hebraico, *Havoth-Jaïr* significa *oppida illuminationis*.

No grau de Mestra perfeita, o Grão-Mestre traz o nome de Moisés, e a Gran-Mestra o de *Séphora*. Chama-se *Aarão* ao irmão depositário.

O santo é *Beth-Abara*, do hebraico *Beth-Hebet*; a senha *Achitob*, de *Abhitoub*.

No grau de Eleita, sublime escocesa, o *Mestre* traz o nome de *Eliacim*, que era o do governador da Betulia. O 1º vigilante é designado sob o nome de Osias, príncipe de Judá. A recipiendária chama-se *Judith*.

Uma palavra agora dos graus capitulares escoceses. Quando da recepção do Mestre secreto, a decoração da Loja, que figura o Santo dos Santos, compõe-se de armação negra, espargida de manchas brancas. No fundo se desdobra um grande círculo no meio do qual está desenhado um triângulo e, no centro do triângulo, brilha a estrela brilhante.

O venerável personifica o rei Salomão. Um irmão, que designam com o nome de *Adhoniram*, acumula as funções de vigilante e inspetor.

Ziza é o santo. Assim era que se chamava o filho de *Jonathan*. Como senha, tomou-se a letra *Iod*, que significa, em sentido cabalístico, Deus, princípio, unidade.

À recepção do Mestre perfeito, o venerável se chama *Adhoniram*, o vigilante *Stofkin*, o introdutor *Zerbal* (em hebreu, *Serebiah* ou *Schereb-iah*, *V. Esdras*, livro II, cap. IX, v. 5).

Santo: *Johaben* (em hebreu, *Joeben*). Segunda palavra: *Zerbal* (nome do capitão dos guardas de Hiram, rei de Tiro).

Senha: *Izah*, por *Jehovah*.

Têm todos o mesmo caráter os mais graus do rito escocês. Inútil, portanto, passá-lo em revista.

A Maçonaria adhoniramita não difere, como terminologia, do rito francês, ou rito simbólico, e do rito escocês.

Exemplos:

Para o grau de Mestre perfeito, santo: *Monte-Libano*; senha: *Jehovah*.

Décimo grau (Mestre escocês). Santos: *Urim* ou *Thumim*, nomes que se davam a certos objetos de superstição judia. Pala-

vra incomunicável *Jehovah*. Santo: *Zédidiac* (em hebraico *Zédadiah*).

O rito de Misraim, para a extensão do qual ativamente trabalharam dois judeus do Meio-dia da França, os irmãos Bédaride, têm, mais do que os outros, ainda, cor semítica. Os santos e as senhas, para todos os graus, em número de 90, são tirados do Talmud.

A Maçonaria dos Moabitas ou cavaleiros prussianos não faz exceção à regra.

Igual observação para o rito de Mênfis.

Lê-se no *Tuileur* moabita:

“*Toque*: Tomar o index da mão direita do “*Tuileur*” e apertá-lo com o polegar, dizendo: *Sem*. O examinador faz o mesmo toque e diz: *Cham*. Repetir o toque pronunciado: *Japhet*.

“Santo: *Phalegh*, pronunciado tres vezes com tom lúgubre e lento.

“Senhas: *Sem*, *Cham*, *Japhet*.”

É tudo? Não, há melhor ainda.

Para os franco-maçons, não existe a era nova. Um maçom escreverá na giria da seita, 5891 e não 1891.

Os franco-maçons fazem partir o começo do ano no mês de março, bem como os judeus.

Não dão aos diversos meses do ano os mesmos nomes que nós. Não dizem: março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro; mas sim: *Nijan*, *Jiar*, *Sivan*, *Thamús*, *Ab*, *Alul*, *Thisch’ri*, *Marheschvan*, *Chisler*, *Tébeth*, *Shebat*, *Adar*.

“Até 5826, lemos no *Rameau d’Eleusis*, este rito (o rito francês) estava no uso dar aos meses do calendário gregoriano os nomes dos meses hebraicos; mas, como não começam ao mesmo tempo, resultava que esta nomenclatura podia induzir os

maçons a erros. Foi o que fez estabelecer, no cômputo, uma segunda coluna indicando a concordância dos meses hebraicos com os meses gregorianos.”

A Maçonaria escocesa adotou o calendário hebreu em todo o rigor.

Os ritos *indiano, caldaico, de Mênfis, persa, etc.*, seguem o calendário egípcio que não difere dele de maneira sensível.

Conclusão lógica, irrefutável: a Franco-Maçonaria é seita judia.

CAPÍTULO VII

CONFISSÕES DOS CHEFES DA SEITA

VÓS NOS EXAGERAIS, dir-me-ão talvez, os perigos da Franco-Maçonaria. Se certos adeptos levam até à monomania a necessidade de perseguir, outros há cuja benevolência não se pode pôr em dúvida.

De bom-grado reconheço que, entregues a si mesmos, a maior parte deles seria inofensiva. Mas recebem ordens e, como servos curvados à disciplina, executam-nas sem raciocinar.

Deve ser de passividade absoluta a obediência do Maçon.

O meu velho amigo, o antigo *Rosa-Cruz*, cujas confidências escrevi e publiquei e que era realmente cavaleiro Kadosch, disse-me muitas vezes: “Poucos iniciados, ou crendo-se tais, conhecem o fim que visa a seita em que tiveram a imprudência de comprometer-se. O Rosa-Cruz mesmo, a não ser que tenha inteligência excepcional, não vê a verdade senão através duma gaze mal transparente. Uma só coisa lhe aparece clara, indiscutível, quer dizer: a origem judaica da Maçonaria.”

No discurso que o Sapiientíssimo, ou venerável, que preside ao Capítulo dos Rosas-Cruzes, dirige aos recipiendários, no dia da iniciação, a passagem seguinte merece atenção muito particular:

“A Franco-Maçonaria, diz o orador, é um templo aberto a todas as boas-vontades; mas, para tornar mais eficaz o seu ensinamento, ela envolveu-o em símbolos e emblemas, e dividiu-o por classes ou graus, a fim de melhor observar a inteligência dos seus adeptos e não lhes dar senão uma instrução propor-

cional às suas aptidões e forças.”

“Ela dividiu esse ensinamento em três períodos bem distintos: 1.º o período judaico e arquitetural; 2.º o período religioso; o 3.º o período filosófico...

“O período judaico compreende os dezesseis primeiros graus. Neste período, segue-se tratando unicamente do desenvolvimento da raça semítica. Tudo aí é oriental: é Jerusalém, Salomão e o seu templo, Tiro e Hiram (ou Adhoniram), Zorobabel e Ciro. Todas as palavras de “passe” são hebraicas ou siríacas; os sinais mesmos representam letras do alfabeto hebraico. Até aqui, a Maçonaria, que não seguiu senão a raça dos filhos de Sem, raça que acreditavam numa divindade única, postergou os filhos Japhet, que são politeístas.”

O Catecismo do 18º grau faz em seguida observar que, quando o cristianismo e, com ele, a crença na unidade de Deus, invadiu o Ocidente, a franco-maçonaria reuniu as duas raças num só feixe e fundou o 17º grau, que é o dos Cavaleiros do Oriente. Abandonou então o período judaico para entrar no período religioso.

“O catecismo do 18º grau, que vos será entregue, diz ainda o Sapiientíssimo aos recipiendários, contém alguns resumos sobre os diferentes graus – desde o de aprendiz até o de Cavaleiro do Oriente e Ocidente – tanto sob o ponto-de-vista astronômico como sob o histórico.”

É de citar essa parte do catecismo. Não se poderá, após havê-la lido, duvidar um só instante da origem semítica da franco-maçonaria.

“D. – Quais são os fatos a que se refere o ensino do 4º ao 14º grau?

“R. – Do 4º ao 14º grau, Salomão reina; constrói-se o templo; Hiram, chefe dos trabalhos, morre assassinado; levantando-lhe um túmulo; os seus assassinos são perseguidos, encontrados, mortos e o mestre Hiram é substituído por outros mestres em número de sete, os quais ulteriormente são elevados a outros graus.

“D. – Quais são os fatos aos quais se refere o ensino de 15º grau?

“R. – No 15º grau, Nabucodonosor, rei de Babilônia, declara guerra a Sedecias, sucessor de Salomão; entra como vencedor em Jerusalém, destrói o templo, arranca-lhe os objetos preciosos, chacina a tribo Levy, leva cativas para a Assíria as outras tribos vencidas. Mais tarde, Ciro, sucessor de Nabucodonosor, dá liberdade aos cativos, restitui-lhes os objetos de que fora despojado o Templo e autoriza-os a reconstruí-lo sob a direção de Zorobabel, que ele constitui Cavaleiro do Oriente.

“D. – Quais os fatos a que se refere o 16º grau?

“R. – No 16º grau, o Templo se reconstrói; os Samaritanos querem impedir esta reconstrução; mas Dario, sucessor de Ciro, lhes ordena retirarem-se e nomeia Zorobabel Príncipe de Jerusalém. Esta dignidade é conferida também a alguns dos seus a seu pedido, mas ele fica chefe deles.

“D. – Quais são os fatos a que se refere o ensino no 17º grau?

“R. – Ao 17º grau, terminada a reconstrução do Templo, tendo-se vários príncipes de Jerusalém tornado Cavaleiros do Oriente e do Ocidente, a boa nova é levada e a verdade espalhada tanto entre os descendentes de Sem como entre os de Japhet.

“D. – Quais os fatos a que se refere o 18º grau?

“R. – No 18º grau, tendo-se espalhado a verdade e tendo-se os espíritos esclarecido por ela, diversos povos fazem aliança e constituem, entre os Cavaleiros do Oriente e do Ocidente, um grande conselho dito dos Cavaleiros Rosas-Cruzes, a quem encarregam de julgar todas as dificuldades que poderiam doravante surgir entre eles.”

Nada nos dezoito primeiros graus ou degraus da Maçonaria que não seja tomado à Bíblia, no que concerne aos fatos históricos propriamente ditos, ou ao Talmud, para tudo quanto

diz respeito ao ensino moral e filosófico.

No dia em que o maçom é iniciado ao 18º grau, torna-se *de pleno* membro da *Aliança israelita universal*, cujo fim é agrupar num só feixe todos os que fazem dos *Princípios* modernos a sua regra de fé.

A “ALIANÇA ISRAELITA UNIVERSAL” e a SOCIEDADE NÃO MENOS UNIVERSAL DA MAÇONARIA NÃO FORMAM SENÃO UMA SÓ E MESMA SOCIEDADE.

Difícilmente chegariam os nossos contraditores a descobrir um judeu hostil à Franco-Maçonaria e mais dificilmente, ainda um franco-maçom inimigo do judeu.

Aquele que escreve estas linhas jamais conseguiu, apesar das suas pesquisas, verificar o contrário. A razão é que a Kabala está no fundo de todos os ritos maçônicos, forma moderna do ocultismo de que é o judeu o grande mestre.

A “ALIANÇA ISRAELITA UNIVERSAL” É A OBRA POR EXCELÊNCIA DO JUDAÍSMO E DA MAÇONARIA. É agrupando sob a sua bandeira todos os adeptos do livre pensamento, seja qual for o seu culto de origem, que Israel verá realizarem-se as suas mais caras esperanças.

“Todos os homens, sem distinção, hão de desafogar o coração diante do mesmo Deus e nos mesmos templos.”

“Todos serão nutridos dos mesmos princípios, desaparecerão os ódios das seitas, reinará na terra a harmonia, e os *tempos maçônicos*, preditos pelos profetas de Israel, serão realizados.”

Tal a linguagem usada em 1886, alguns anos depois da fundação da *Aliança Israelita Universal*, pelo judeu Hipólito Rodrigues.

Os *Archives Israélites* (1886, p. 927-928) contam-nos que o grão-rabino da Bélgica, Aristides Astruc, pronunciou um discurso na tumba dum jornalista judeu filiado à seita dos *Solidários*. Um jornal, órgão oficial do livre pensamento, manifestou o seu espanto por essa intervenção. Respondeu-lhe o rabino em termos que é bom reproduzir:

“Bérend, dizia ele, era membro do *Livre pensamento*, nós o sabíamos. O judaísmo não exclue ninguém dos seus templos durante a vida, nem dos cemitérios depois da morte. Não sómente admite nuns e noutros os israelitas que cessaram de praticar os seus ritos, mas ainda recebe os estrangeiros, sem lhes pedir no limiar forma alguma de confissão...

“Eis-aí porque Bérend pôde *tornar-se livre pensador permanecendo israelita*... Eis-aí porque, enfim, a *Franco-Maçonaria* e também o *Livre pensamento* puderam intervir sem obstáculo ao lado do judaísmo na tumba de um irmão, de um amigo, *de um correligionário* que todos, *israelitas, franco-maçons e livres pensadores lamentam igualmente*.”

O grão-rabino Aristídes Astruc não pensava diferente de mim. Ele também era de opinião que *a Aliança Israelita Universal* e a *Maçonaria* estão unidas por vínculos bastante estreitos para não formar mais do que um todo.

O livre pensamento não repugna ao judeu, tanto como o judeu não repugna ao franco-maçom.

CAPÍTULO VIII

NADA DE NOVO DEBAIXO DO SOL

NÃO É novidade o fato que assinalo.

Faz mil e novecentos anos que a Sinagoga inspira os inimigos do catolicismo.

A Maçonaria se dá, por vezes, origens fantásticas; mas, quando ela conta os Gnósticos, os Maniqueus e os Albigenses no número dos seus antepassados, está com a verdade. Esquece-lhe somente dizer que o judeu foi a alma dessas heresias que, como as Lojas maçônicas, fizeram do Talmud o seu evangelho de predileção.

No 12º grau, o venerável pergunta ao recipiendário o que significa a letra G que figura na Estrela flamejante. Este responde que essa letra significa: Geometria, Geração e Gnose.

Sem se deter nos dois primeiros sentidos indicados pelo postulante, faz o venerável uma verdadeira dissertação sobre os Gnósticos, de que são continuadores os filhos da Viúva. Os Franco-Maçons, acrescenta ele, devem prosseguir a obra começada por eles e esforçar-se por destruir as falsas religiões, principiando pela *heresia romana*.

Dizendo que o Talmud é o evangelho do Maçon como do judeu ortodoxo, estou absolutamente com a verdade:

“Reportemo-nos, diz o venerável, à recepção do Mestre

perfeito, aos primeiros dias do mundo, à época em que Adão e Eva estavam ainda no Éden. Éblis, o Anjo de Luz, não pôde ver a beleza da primeira mulher sem cobiçá-la. Podia Eva resistir ao amor de um anjo? ... Caim nasceu. A sua alma, fagulha do Anjo de Luz, espírito de fogo, elevava-o tão infinitamente acima de, Abel, o filho de Adão... Entretanto, foi bom para com Adão, cuja velhice débil e impotente sustentou, bom para Abel, cujos primeiros passos susteve. Mas Jeovah, cioso do gênio comunicado por Éblis a Caim, banuiu Adão e Eva do Éden, para puní-los a ambos e, após eles, a seus descendentes, da fraqueza de Eva.

“Adão e Eva detestavam Caim, causa involuntária dessa sentença iníqua, e a própria mãe voltava toda a afeição para Abel; quanto a Abel, com o coração inflamado por essa injusta preferência, pagava a Caim desprezo por amor. Uma provação mais cruel havia de partir logo o coração do nobre filho de Éblis. Aclínia, a primeira filha de Adão e Eva, estava unida a Caim por uma profunda e mútua ternura e, apesar dos seus votos e rogos, Aclínia foi dada como esposa a Abel, por vontade de Jeovah-Adonai; este Deus cioso amassara limo para fazer Adão e dera-lhe alma servil; por isso, temia a alma livre de Caim.”

“Este, em extremo irritado pela injustiça de que é vítima, mata o irmão, crime que Adonai julgou indigno de perdão.”

“Contudo, Caim, para resgatar a falta cometida num movimento de legítima cólera, punha ao serviço dos filhos do barro a alma superior e o gênio que tinha de seu pai Éblis, o Anjo de Luz. Ensinava-os a cultivar a terra. Henoch, seu filho, iniciava-os na vida social. Mathusaël ensinava-lhes a escrita. Lamech dava-lhes o *exemplo da poligamia*. Tubalcaim, seu filho, inventava a arte de forjar os metais, aperfeiçoava as suas descobertas e propagava-as para bem dos humanos. Nohema, que seu irmão Tubalcaim *desposou perante a Natureza*, ensinava-lhes a arte de fiar e fazer tela para se vestir.”

Hiram, ou Adoniram, a escolher, descende em linha reta de Caim, por esses ilustres personagens, e os Franco-Maçons se gloriam de contar no número dos seus ascendentes o construtor do templo de Salomão.

O que se acaba de ler não é uma lenda inventada ao bel prazer. É uma narração, apenas desmarcada fornecida pelo Talmud às lojas maçônicas. É melhor ler:

“Alguns demônios descendem de Adão que, carregado da maldição de Deus, recusou aproximar-se de Eva, para não procriar filhos da desgraça (1). Duas mulheres de demônios lhe apareceram e conceberam dele novos demônios. Segundo o Talmud (2), Adão não engendrou, durante 130 anos, com Lilith, mulher insígne dos demônios, senão espíritos, demônios e espectros noturnos.

“De sua parte, não foi Eva modelo de fidelidade conjugal. Durante 130 anos, não pôs no mundo senão demônios, tendo sido a mulher de demônios machos (3).”

A espécie humana, segundo o Talmud e as doutrinas pouco conhecidas da Maçonaria, compõe-se de duas raças distintas. Uma, grosseira, malvada e de inteligência obtusa, descende de Adão e Eva. Jehovah-Adonai, o princípio mau, é o seu Deus. A outra, saída do anjo Éblis, ou Lúcifer, e de Eva, é boa, dotada de faculdades brilhantes, e adora o chefe da milícia infernal, o Ormuz, ou bom princípio dos Caldeus.

QUANDO PORTANTO OS FRANCO-MAÇONS NOS FALAM DO GRANDE ARQUITETO, NÃO DO DEUS DOS CRISTÃOS QUE SE TRATA, MAS SIM DO GRANDE REVOLTADO QUE O ARCANJO MIGUEL PRICIPITOU NO ABISMO.

Como os Gnósticos, os filhos da Viuva professam grande admiração não só por Caim, seu ascendente, mas também por Canaan, Esaú, Coré, Natan, Abirão e ... Judas, o seu apóstolo de predileção. Os habitantes de Sodoma e Gomorra nunca lhes inspiraram antipatia alguma. Não foram eles vítimas do ódio de Jeovah-Adonai, o inimigo irreconciliável da posteridade de Éblis, o Anjo de Luz?

(1) Jalqut Reubénl, M.

(2) Tract. Erubin, fol. 186.

(3) Bachai, fol. 16-n, e Sepher Nizmath Chaijm, fol. 1.146.

CAPÍTULO IX

INIMIGOS IRRECONCILIÁVEIS DE DEUS E DOS GOYM

O JUDEU e o Franco-Maçon têm ódio a Cristo e aos goys; e, por esta última palavra se há-de de entender “católicos”. Os protestantes fazem gostosamente causa comum com as Lojas e as Sinagogas, quando se trata de combater a Igreja.

Não convém ao homem justo (ao judeu), diz o rabino Gerson, ser misericordioso para com os maus (1). Abarbanel declara que se não deve testemunhar misericórdia para com os inimigos (2). Conforme o Talmud, é permitido aos justos, isto é aos judeus, enganar aos ímpios (3). O Rabino Albo ensina, com numerosos outros autores, que Deus deu aos Judeus poder sobre a fortuna e a vida de todos os povos (4).

Nada há nessas doutrinas que seja de natureza a espantar, quando se sabe que o judeu se considera pertencente a uma raça privilegiada, bem como o seu correligionário o Franco-Maçon. Para o descendente de Abraão, o *goy* – ler católico – não difere do bruto. Não diz Abarbanel que a mulher estrangeira, isto é, não-judia, é um animal e que, violando-a, o judeu não faz mal nenhum?! – Diz Maimônides, por seu turno. “É permitido abusar de mulher infiel (5)”. Escreve ainda o mesmo autor: “É ordenado assassinar e lançar

(1) No seu Coment. do 1º Reg, XVIII, 14

(2) Abarbanel, Masmiâ Jeshû, l. c.

(3) Tract. B. Bathra, fol. 123.^a Cf. Tract. Barachoth 13-b.

(4) Sepher. Haiqqarim, fol. 83. III, p. XXV, e Jalqut Simeoni ad Hab.

(5) Jad. Chaz. Hilch. Malachim.

na fossa da perdição os traidores de Israel e os hereges tais como Jesus de Nazaré e os seus aderentes”

O Franco-Maçon participa do ódio do judeu contra os católicos. São prova impressionante disso os eventos atuais (*). Uns e outros não descendem de Éblis, o Anjo de Luz ou Lúcifer, e da primeira mulher, ao passo que o estrangeiro, o goy, o discípulo do Nazareno, pertence à raça inferior e maldita, de Adão e Eva?

Disseram que os maçons rendiam culto a Satanás, seu pai. Nada mais verdadeiro. Cristo, como se sabe, dizia aos Fariseus de quem eles são discípulos. – “Vós sois filhos do diabo, *vos ex patre diabolo.*”

Nas suas reuniões, que eles qualificam com o nome Areópagos, os Cavaleiros Kadosch começam por um grito de ódio contra o Deus dos cristãos brandindo um punhal. Depois o presidente recita a ORAÇÃO A LÚCIFER. O texto dessa oração atualmente em uso é da lavra de Proudhon. Ei-la:

“Vem Lúcifer, vem! ó caluniado dos padres e dos reis! Vem, que nós te abracemos, que nós te estreitemos ao nosso peito! Há muito tempo que te conhecemos e tu nos conheces também. As tuas obras, ó bendito do nosso coração, não são sempre belas e boas, aos olhos do vulgo ignorante; mas só elas dão um sentido ao universo e impedem que ele seja absurdo. Tu enobreces a. riqueza; tu serves de essência à autoridade; tu pões o selo à virtude... E tu, Adonai, deus maldito, retira-te; nós te renegamos! O primeiro dever do

(*) *N. d. T.* – *Note-se* que o autor fala em 1903. Depois da guerra, inúmeras coisas vieram a confirmar suas palavras; comunismo na Rússia, e tentativa na Polônia, Hungria, Itália, em que sempre eram judeus os chefes. República na Alemanha e tentativa comunista. As lutas religiosas dos sem-Deus. Até o nosso Brasil está aprovando o “benefício” da infiltração judaica na sua vida. Sobre tudo isso há já uma regular literatura nacional. Procure-a quem quiser e há de achá-la. Agentes do liberalismo a seu tempo, agora que este já amadureceu no socialismo, continuam os judeus a sua obra de destruir o resto miserável de civilização cristã que ainda sobeja no mundo.

homem inteligente e livre é escorraçar-te do seu espírito e da sua consciência; porque tu és essencialmente hostil à nossa natureza e não dependemos de modo algum da tua autoridade. Chegamos à ciência apesar de ti, ao bem-estar apesar de ti, à sociedade apesar de ti; cada um dos nossos progressos é uma vitória em que esmagamos a tua divindade. Espírito mentiroso, Deus imbecil, o teu reino está acabado; procura entre as bestas outras vítimas. Agora, eis-te destronado e quebrado. O teu nome, por tanto tempo a derradeira palavra do sábio, a sanção do juiz, a força do príncipe, a esperança do pobre, o refúgio do culpado, arrependido, pois bem, esse nome incomunicável, Padre Eterno, Adonai ou Jehovah, doravante votado ao menosprezo e ao anátema, será conspurcado entre os homens! porque Deus é tolice e covardia; Deus é hipocrisia e mentira; Deus é tirania e miséria; Deus é o mal... Enquanto a humanidade se inclinar diante do teu altar, a humanidade, escrava dos reis e dos padres, será reprovada; enquanto um homem, em teu nome execrável, receber o juramento de outro homem, a sociedade será fundada no perjúrio, a paz e o amor serão banidos dentre os mortais... Deus, retira-te! pois que, desde hoje, curados do teu temor e tornados sensatos, juramos, com a mão levantada para o teu céu, que tu não és o carrasco da nossa razão e o espectro da nossa consciência.”

Os adeptos prostram-se a seguir diante do Baphomet, ídolo de cabeça de bode, que os Templários adoravam.

Compreende-se a espécie de ferocidade estúpida com que a Maçonaria, dirigida pelas lojas-da-retaguarda, persegue as obras católicas, quando se leu essa invocação a Satanás, dos Cavaleiros Kadosch.

Acreditam os judeus, como vimos nas páginas precedentes, que nos abeiramos dos tempos messiânicos. O Messias, a crermos neles, entregar-lhes-á o cetro do mundo. Mas a vitória de Israel será precedida duma grande guerra na qual perecerão os dois terços dos povos (1).

(1) Abarbanel, Masmia Jesûa, fol. 49 a.

O Messias receberá as dádivas de todos os povos e não recusará senão as dos cristãos. Os judeus serão imensamente ricos; todos os tesouros dos povos passarão às mãos deles, de tal forma que precisará de trezentas jumentas para carregar as chaves das portas do local e dos cofres em que se encerrarão essas riquezas (1).

Eis-aquí, a prenda:

“Todos os povos se converterão à religião judaica; os cristãos só (lêde católicos) não participarão desta felicidade; eles serão inteiramente exteminados, porque provêm do demônio (2), ao invés de provirem de Lúcifer, o Anjo de Luz, e da primeira mulher.

O ódio do judeu e o do Franco-Maçon a Adonai, o Deus dos cristãos, confundem-se e não fazem senão um só e mesmo ódio, traduzindo-se pela violência e um desprezo absoluto do direito e da equidade (*). O nome desse deus imbecil não será mais, daqui em diante, a sanção do juiz, a força do príncipe, a esperança do pobre, o refúgio do culpado arrependido.”

Quando digo que judeus e Franco-Maçons mofam do direito e da equidade nas suas relações com os católicos, não exagero. Sabem algo a respeito as congregações e os pais de família.

Não contentes de suprimir, de maneira arbitrária, o direito que têm todos os Francêses de educar os filhos como lhes apraz, dizem aos religiosos e religiosas munidos dos diplomas que a lei

(1) Tract. Pesachím, fol. 119, e tract. Sanhedrin, fol. 116. Cf. Bachai. fol. 62.

(2) Tract. Jebanemotts, fol. 24-b, e tract. Ab.. Zar. 3-b, V. Abarbanel, Masmia Jesua. fol. 65, e Bashai, fol. 85. V. também Sepher Zeror Damor, fol. 125-b.

(*) *N. do T.* - Também isto se evidencia em todo lugar onde o judeu pode tomar pé por meio do seu agente político, o comunismo. embora passageiramente. O ódio com que se atiraram contra os cristãos russos, apesar de cismáticos, deixou atestado abjeto nas mutilações de sacerdotes e monges. A Espanha, com o terrorismo exercido por agentes judeus misturados aos seus amigos republicanos de Madrid, apresenta o mesmo quadro de ódio à Igreja Católica e aos seus ministros. É o requinte, o sadismo da perversidade odienta.

exige: Doravante, não ensinareis mais!

Há melhor; alardeiam a pretensão de pôr a mão, em nome do Estado, nos imóveis que pertencem quer às congregações, quer às sociedades civis que alojam congregantes.

Apeiam os interessados para os tribunais? - judeus e Franco-Maçons lembram aos magistrados, muitos dos quais são judeus ou “viram a luz do terceiro cômodo”, esta passagem do Talmud: “Se um judeu tiver uma demanda contra um não-judeu, dareis ganho de causa ao primeiro e direis ao outro: E assim que quer a nossa lei.”

Aí está a explicação de certos julgamentos feitos em nossos dias, e da pretensão que têm os tribunais de reter causas que escapam à sua competência.

CAPITULO X

DIRIGENTES E INGÊNUOS

ALGUNS dos meus leitores me acharão talvez severo demais para com aqueles que se alistam na Maçonaria.

A isso responderei que sou infinitamente mais brando do que aqueles que os dirigem e aos quais obedecem com docilidade cega.

Piccolo-Tigre, ou antes, aquele que se ocultava sob esse pseudônimo.. era um judeu de rara inteligência.

Graças à atividade que ele desenvolveu sob o reinado de Luiz-Filipe, e precendentemente sob a Rstauração, a Maçonaria recebeu sério impulso. Muito ligado com o príncipe de Metternich, primeiro ministro da imperador da Áustria, servia-se dessa amizade para furtar aos diplomatas os segredos de Estado que a seita tinha interesse em conhecer.

Ora, eis-aquí as instruções que ele dirige, a 18 de janeiro de 1822, aos agentes superiores das Lojas piemontesas:

“O essencial, dizia-lhes, é isolar o homem da sua família e *fazê-lo* perder os costumes *dela*... Ele ama os longos colóquios do café, a ociosidade dos espetáculos. Arrastai-o, cativai-o, dai-lhe uma *importância qualquer*, ensinaí-o discretamente a aborrecer-se dos trabalhos diários, e, por este manejo, após haver-lhe mostrado *quão penosos são todos os seus deveres*, lhe inculcareis o desejo duma outra existência. O homem nasceu rebelde. Atiçai êsse desejo de rebelião até ao incêndio, mas que não rompa este incêndio. Mas,... cuidado! É preciso impedir, conter o incêndio.

É uma preparação para a grande obra que devemos começar. Quando tiverdes infiltrado nas almas o desgosto da *família e da religião*, deixai caírem certas palavras que provoquem o desejo de ser filiado à Loja vizinha.”

Pergunto-me que epíteto não merece uma sociedade que usa semelhantes processos para aumentar o número dos aderentes. Creio que, tratando a Piccolo-Tigre de velhaco, não ultrapassaria os limites do permitido.

Ninguém melhor do que esse judeu põe em relevo a ingenuidade, a imbecilidade, poderia eu dizer, dos infelizes de que se serve a Maçonaria para atingir o seu fim.

“Essa vaidade do *citadino* ou do *burguês* de identificar-se com a Franco-Maçonaria, escreve ainda Piccolo, tem alguma coisa de tão trivial o tão *universal*, que fico sempre em admiração diante da ESTUPIDEZ HUMANA.”

A estupidez humana!!! Eu não me atreveria a empregar semelhante linguagem.

Ora, notai que não tenho de poupar o burguês, ao passo que Piccolo-Tigre, um irmão, que digo, um irmão? um generalíssimo do exército maçônico, teria devido, parece, tratar os seus subordinados com mais cortesia.

Juntando o motejo à injúria, o correspondente *dos agentes superiores* das Lojas piemontesas acrescenta, com sorriso nos lábios:

“Pasma de não ver o mundo inteiro bater à porta de todos os veneráveis e pedir a esses senhores a *honra* de ser um dos obreiros escolhidos para a RECONSTRUÇÃO DO TEMPLO DE SALOMÃO!”

Reconstruir o Templo de Salomão! A turba maçônica não sabe demasiadamente o que quer isso dizer.

Folgo de ensinar-lhe que, no espírito dos verdadeiros iniciados, se entende por essas palavras; a RECONSTITUIÇÃO DO PODER JUDAICO SOBRE AS RUÍNAS DO CATOLICISMO E DAS POTÊNCIAS EUROPÉIAS. O judeu deixa, às vezes, escapar o fundo do seu pensamento, persuadido de que pode

fazê-lo impunemente, mercê do desatino fenomenal e do espírito basbaque da raça ariana.

A 29 de junho de 1869, abriram os judeus, em Leipzig, uma espécie de concílio sob o título de Sínodo Israelita.

Eis-aquí a proposta que o doutor Philippson submeteu à votação da assembléia, com aprovação do grão-rabino da Bélgica, Aristides Astruc:

“O Sínodo reconhece que o desenvolvimento, e a realização dos *princípios modernos* são as garantias mais seguras do presente e do futuro do judaísmo e dos seus membros. São as condições mais energicamente vitais para a existência expansiva e o mais alto desenvolvimento do judaísmo (*).”

“Os *princípios modernos* formam o programa exclusivo e completo do Livre Pensamento representado pelas almas maçônicas.

O Sr. Kuhn pôde, portanto, exclamar no dia da abertura daquele conciliábulo:

“Esta reivindicação dos princípios modernos a favor do judaísmo é das mais humilhantes para nós democratas, em face dos quais os judeus se erguem agora como os verdadeiros cabeças do progresso.”

Eu já disse que os Gnósticos e os Maníqueus não eram, no fundo, mais do que judeus disfarçados ou adeptos ganhos e secretamente dirigidos por eles.

Weishaupt, o fundador do iluminismo, Ragon, Clavel, Rédarès, etc., confessam sem tergiversar que a seita maçônica nasceu, com efeito, dessas heresias, cuja origem judaica é fato evidenciado.

(*) N. do T. - Os *princípios modernos*, nas grandes linhas seguem esta graduação: livre exame e todas as formas anárquicas da “liberdade”, individualismo, liberalismo, democracia, república, socialismo, anarquia e (última etapa) COMUNISMO, que enfeixa todo o poder social, econômico e político nas mãos dos judeus, conforme o plano satânico por eles delineado e realizado, em máxima parte, pelos cristãos estúpidos e renegados

O Ir.: – Willaume diz, por sua vez:

“Foi pelos iniciados do Oriente que recebemos os mistérios atuais.”

Os mesmos escritores constataam que os Albigenses não tiveram outra origem; Michelet que, por certo, está longe de ser suspeito, afirma por seu turno que judeus e Albingenses não formavam senão uma mesma família. “Esta *Judéia da França*, corno se chamou ao Languedoc, escreve ele, não lembrava a outra somente pelos seus betumes e oliveiras: tinha também Sodoma e Gomorra. Ora, era de temer que a vingança da Igreja lhe desse o mar Morto.” E mais adiante: “Os seus doutores (Brabanções, que não eram outros senão os Albigenses do Norte) ensinavam em voz alta Aristóteles e, baixinho, os *Árabes e os Judeus*, com o panteísmo de Averróes e as sutilezas da Cabala (1).”

Até pelos fins do século XVIII, tiveram os judeus de dissimular a sua ação, por causa da aversão que os povos tinham por eles. Mas, a partir da famosa convenção de Wilhemsbad, havida em 1782, não se impuseram mais incômodo algum.

Digamos que os Martinistas não tinham aguardado esse momento para confessar a sua origem semítica.

Martinès-Pasqualis, fundador da ordem, estabeleceu, ali por 1760, Lojas em Bordéus, Tolosa e Marselha. Trouxe o seu rito a Paris em 1768. Van-Lao, Saint-Martin e Bacon de La Chevalerie foram os seus principais discípulos.

O sistema de Martinès-Pasqualis (Martins-Pasqualis), judeu português, não passa de decalque da Kabala. Ora, sabe-se que a Kabala, no juízo de Drach, é a alma do Talmud.

(1) Michelet, *Histoire de France*, t. II p. 404, 409 e 472.

CAPITULO XI

SE FALÁSSEMOS DOS CHEFES DESCONHECIDOS?

A CÉLEBRE convenção (*) de Wilhemsbad tomou duas resoluções que não cessaram de ser respeitadas.

Foi estatuído, em primeiro lugar, que os três graus de aprendiz, companheiro e mestre formariam a base da Maçonaria; em segundo lugar, que, na Maçonaria simbólica, composta dos três graus em apreço, **NÃO SE FALA NUNCA DOS CHEFES DESCONHECIDOS**, e que todo trato direto com os superiores maçônicos seria interdito a estas espécies de Lojas.

Decidiu-se, além disso, que a Maçonaria templária se tornaria a unir ao Iluminismo, mas com a condição de que os seus adeptos ignorassem o **NOME DA SEITA NA QUAL ELES SE TORNAVAM FILIADOS**.

O Franco-Maçon tem de obedecer a um sinal e a um olhar.

O venerável previne disso o aprendiz, no dia da recepção.

“Senhor, diz-lhe, todo profano que se faz receber como Maçon **DEIXA DE PERTENCER-SE; ELE NÃO É MAIS DE SI MESMO**; pertence, porém, a uma Ordem que está espalhada sobre toda a superfície do globo.”

A quem deve obedecer o Franco-Maçon?

“A chefes **DESCONHECIDOS!**”

É Luiz Blanc quem no-lo diz na sua *Histoire de dix ans*. Ora, Luiz Blanc sabia em que apoiar-se.

(*) *N. do T.* - Convento, na gíria maçônica

São franceses, ingleses, alemães ou italianos esses CHEFES DESCONHECIDOS?

Aqueles com que se correspondia Piccolo-Tigre ERAM JUDEUS.

Vimos servírem-se eles, alternativamente, de Palmerston, de Cavour, de Napoleão III, de Bismarck, etc., para atingirem o SEU FIM, QUE É DESORGANIZAR A EUROPA CRISTÃ, EM PROVEITO DE ISRAEL.

Cada um desses homens de Estado creu, em dado momento, ser árbitro do mundo, enquanto (na verdade) a seita se utilizava da influência dêles em proveito dos seus desígnios.

Em 1862, um Franco-Maçon de Berlim, posto ao corrente do que se passava, queixou-se amargamente da preponderância do judeu.

Uma folha de Munich publicou as suas lamentações.

“Existe na Alemanha, dizia ele, uma sociedade secreta com formas maçônicas que está sujeita a CHEFES DESCONHECIDOS. São pela maior parte israelitas os membros dessa associação... Em Londres, onde se acha, como se sabe, o foco da Revolução, sob o Grão-Mestre Palmerston, existem duas Lojas judias que jamais viram cristãos atravessar o limiar. É LÁ QUE SE REUNEM TODOS OS FIOS DE TODOS OS ELEMENTOS REVOLUCIONÁRIOS QUE SE INCUBAM NAS LOJAS CRISTÃS.”

“Em Roma, uma outra Loja, *inteiramente composta de judeus*, onde se reúnem todos os fios das tramas urdidas nas *Lojas cristãs*, é O SUPREMO TRIBUNAL DA REVOLUÇÃO.”

“De lá são dirigidas as mais Lojas como por *chefes secretos*, de sorte que a maioria dos revolucionários cristãos *não passam de bonecos postos em MOVIMENTO POR JUDEUS por meio do mistério.*”

“Em Leipzig, por ocasião da feira que faz chegar a esta cidade uma parte dos altos negociantes judeus e cristãos da Europa inteira, a LOJA JUDIA SECRETA é cada vez mais perma-

nente, e nunca foi recebido nela maçon cristão. Eis-aquí o que faz abrir os olhos a mais de um de nós... Não há senão uns emissários que tenham acesso às Lojas judias de Hamburgo e Francfurt.”

O correspondente das *Folhas históricas e políticas* terminava dizendo:

“Digne-se o Todo-Poderoso de abrandar as provações que ruem sobre os grandes em consequência do seu descuido, e fazê-los compreender que a Maçonaria QUER REVOLUCIONAR E REPUBLICANIZAR OS POVOS, NO INTERESSE DO JUDAISMO.”

Parece-me supérfluo todo comentário. Se os interessados não compreendem, é que mereceram o castigo que os ameaça.

O Sr. Gougenot des Mousseaux relata um fato que corrobora o que se acaba de ler:

“Desde a recrudescência revolucionária de 1848, achei-me em relação com um *judeu* que, por vaidade, traía o segredo das sociedades secretas às quais se associara e me advertia, oito ou dez dias antecipadamente, de todas as revoluções que iam arrebentar num ponto qualquer da Europa.

“Devo-lhe a inabalável convicção de que todos esses grandes movimentos dos *povos oprimidos*, etc., são comandados por rneiadúzia de indivíduos que dão as suas ordens às sociedades secretas da Europa inteira. O solo está completamente minado a nossos pés, e os *judeus* fornecem largo contingente a esses minadores (1).”

Em 1870, o sr. de Camille, então em Bolonha, escrevia ao jornal *Le Monde* uma carta das mais instrutivas:

“Completo neste momento, dizia ele, um giro pela Itália, que visitei há quinze anos, e acabo de encontrar um dos meus antigos conhecidos. Este homem, sabia-o eu ativamente metido em negócios da Ordem maçônica e ocupando lugar elevado numa

(1) Gougenot des Mousseaux, *Le Juif*, págs. 368 e 369.

Loja da Alta-Itália.”

Tendo-lhe o sr. de Camille perguntado como ia ele com os membros da seita, eis-aquí qual foi a resposta:

“Deixei a minha Loja da Ordem definitivamente, porque adquiri a convicção profunda de que *éramos unicamente instrumento dos judeus* que nos impeliam à destruição total do cristianismo (1).”

O Sr. Gougenot des Mousseaux, que fez estudo profundo da questão judaica, escrevia em 1869:

“Os que afirmam que o Conselho universal e supremo, mas secreto, da Maçonaria, composto de nove membros, deve ter de reserva, *para os representantes da nação judia*, **UM MINIMO DE CINCO LUGARES**, porque assim o quer a constituição maçônica, cientificam-nos duma coisa que as simples leis do bom senso nos declararam ter de ser (2).”

Dizia o mesmo autor, ainda em 1872:

“Devem os judeus, à revelia mesmo da maioria dos altos dignitários da Ordem, *formar em maioria o conselho real e supremo da Maçonaria* (3).”

(1) *Le Monde*, 2 de abril de 1878.

(2) Gougenot des Mousseaux, *Le Juif*, pág. 359.

(3) *Le Monde*, 10 e 11 de maio de 1872.

CAPITULO XII

MEIOS DE AÇÃO DOS CHEFES DESCONHECIDOS

A FRANCO-MAÇONARIA É DE ORIGEM SEMÍTICA E DERIVA DO TALMUD. Acredito tê-lo demonstrado de maneira peremptória.

Mas quais são os processos de que se serve a seita para atingir os seus fins, que são a destruição da Igreja Católica e a vitória do judaísmo?

A Sinagoga e a Maçonaria recorrem a dois meios de ação que lhes deram sempre bom êxito. O primeiro consiste na palavra de ordem que os **CHEFES DESCONHECIDOS** enviam aos Grandes Orientes do mundo inteiro e que os Grandes Orientes transmitem às Lojas colocadas sob a sua obediência; o segundo, o mais eficaz, porque atinge ao mesmo tempo os adeptos e os profanos, é **A IMPRENSA** que o fornece.

Todo aquele que dispõe da imprensa é senhor da opinião.

Ora, é bom que se saiba que, em todos os pontos da Europa, o jornalismo antipatriota e antireligioso pertence aos judeus e serve aos interesses da Maçonaria, que se confundem com os da Sinagoga.

A essa influência nefasta não escapam as folhas da província mais do que as de Paris.

Israel as domina pelos seus ajustes de anúncios e correspondências autografadas que lhes envia. Seria difícil, quanto ao mais, achar um só desses jornais que não tenha à sua frente,

como diretor, redator, inspirador ou financiador, um membro qualquer da Loja vizinha.

Quando a imprensa pseudo-republicana, semítico-maçônica, devêra eu dizer, solta em todos os pontos o mesmo grito de guerra, se faz eco da mesma idéia, ou reproduz a mesma calúnia, a opinião pública, a princípio um pouco surpresa, hesita em acreditar, depois acaba, enfadadamente, entregando os pontos.

Certos jornais emitem por vezes uma nota discordante, sem que os chefes se comovam, por isto que sabem que essa aparência de resistência, tornada necessária pelo moderantismo da clientela conservadora da imprensa em questão, será de curta duração (1).
(*)

O anti-clericalismo não repugna a esta categoria de leitores. Somente, cumpre administrar-lho em pequenas doses.

O burguês que assina essas folhas honestas (?) fica encantado, no fundo, de que ralhem com o seu cura; mas faz questão de que nisso se ponha certo jeito.

Todas as vezes que se tratou de dar à imprensa, a propósito de certas questões, um impulso decisivo, produziram-se divergências... ao começo, nas fileiras dos jornais enfeudados. Nunca se impressionaram com isso os seus comanditários. Sabiam que essas querelas caseiras faziam parte do programa e que acabariam por entender-se.

Lembrai-vos do que se passou para a unidade italiana e, anos mais tarde, para a unidade alemã.

As folhas domesticadas, depois de algumas reservas hábilmente calculadas, aprovaram sem restrição a política de pre-

(1) *Le Temps*, por exemplo, órgão político dos protestantes, para nomear apenas este jornal.

(*) N. do T. – No Brasil, dá-se a mesma coisa com os grandes jornais, dependentes de anúncios dos “grandes concentradores de capitais”, judeus ou judaizados, por vil interesse. São mais independentes às vezes os “jornalecos” que dependem só de quem os escrevem.

cipício do governo francês tornado escravo das sociedades secretas.

Era preciso mesmo.

Polichinelo não se pertence. Pertence àquele que o faz mexer-se, quer diga ele galanteios a Rosine, quer sóve o comissário.

Durante o cêrco de Paris, os enfitados do Grande Oriente não julgaram a propósito fazer o sinal de aflição aos seus irmãos da Alemanha, pela excelente razão de que a seita judeu-maçônica desejava que fôssemos esmagados.

Mas, quando vieram os maus dias da Comuna, arvoraram os seus cordões multicores e a sua latoaria e, entregaram-se, nos baluartes, às macaquices mais excêntricas, na esperança de fazer caírem as armas das mãos dos Versalheses, esperança que foi enganada.

CAPÍTULO XIII

OS JUDEUS ARRANCARAM A MÁSCARA

OS JUDEUS não se escondem mais.

Faz trinta e poucos anos que levantaram a máscara.

Na Alemanha, Marx, Lassalle e Outine organizam a Internacional. Na França, os seus correligionários marcham à testa dessa temível associação.

Cahen e Crémieux fundam, por seu lado, a Aliança israelita universal, em que se recebem não somente os Judeus, senão todos os que se dizem Maçons ou simplesmente livres pensadores.

Depois da Comuna, em que tomou parte ativa, o semita Lévy, dirige-se a Roma e dedica-se a um proselitismo desenfreado.

Em Paris, Gustavo d'Alsace é, em 1877, um dos membros mais turbulentos e perigosos da Maçonaria. Contente em reconhecermos serviços que prestou à seita, de que ele próprio fazia parte, não hesita em dizer o grão-Rabino, em discurso tornado célebre, que d'Alsace significava o nome judeu pela maneira como dirigia a obra da Franco-Maçonaria.

Anos antes, Simão Deutsch, um egresso dos guetos prussianos, servia de intermediário, ao tempo de Napoleão III, ao sr. de Bismarck, nas suas relações com os répteis da imprensa parisiense.

O chanceler de ferro utilizava-o, além disso, como caixa do partido radical francês.

É ao sr. d'Arnim, o antigo embaixador da Alemanha, que devemos estes pormenores edificantes.

Na Rússia, foram os judeus que organizaram o Niilismo (*).

Ora, ninguém ignora que o Niilismo é, para a Franco-Maçonaria atual, o que era o Iluminismo para a Franco-Maçonaria do convento de Wilhemsbad.

O semita Hertzen marcha à frente do movimento. Deutsch, homônimo do ex-confidente de Bismarck, dá à seita um impulso excepcional. Hartmann, Geldenbourg e Madetzki, cujos atentados estão ainda presentes em todas as memórias, pertencem, também, ao judaísmo.

Igual observação para os Niilistas refugiados em Paris e Genebra, salvo raríssimas exceções.

As Lojas francesas estão literalmente povoadas de judeus. Muitos são os Lévy, os Nathar, os Meyer, os Moíses, os Isaac, os Hermaun, etc., etc. Contam-se por aí às duzias. Em Paris somente, há os Hickel, os Hirsch, os Hirlemann, etc. Professores, negociantes, alfaiates e rabinos fraternizam com o burguês estúpido que Piccolo-Tigre nos pintou.

Quando digo que o judeu dirige a opinião pública na França e alhures, limito-me a constatar o que outros, e dos mais competentes, constataram antes de mim.

O revmo. Padre de Ratisbonne deu um retrato ao vivo dos seus ex-correligionários:

“Naturalmente hábeis, engenhosos, e possuídos do instinto do domínio, diz ele, os judeus invadiram gradualmente todas as avenidas que conduzem às riquezas, às dignidades e ao poder. O seu espírito infiltrou-se pouco e pouco na civilização moderna. Dirigem a bolsa, a imprensa, o teatro, a literatura, as administrações, as grandes vias de comunicação na terra e no mar; e, pelo ascendente da sua fortuna e seu gênio, têm encerrada, na hora presente, como numa rede, toda a sociedade cristã (1) (**).

(*) *N. do T.* - E a literatura niilista contribuiu para a catástrofe comunista de 1917, para domínio e gozo de Israel.

(1) Pe. de Ratisbone, *La Question Juive*, Paris, 1808.

(**) *N. do T.* - O Padre de Ratisbone converteu-se do judaísmo ao catolicismo, dedicando-se então à conversão dos seus nacionais. Judeu que era, de raça, ninguém conheceria melhor o espírito dos seus irmãos, do que ele.

Um judeu, de nome Gutzkow, escrevia, em 1873, no *Allgemeine Zeitung* de Augsburgo:

“Os judeus são os verdadeiros fundadores do Império alemão; são os judeus que dão o tom na imprensa, na diplomacia, na política (*).

A Gazeta dos caminhos de ferro, de Berlim, lastimava-se, em 1876, por causa dos progressos do judaísmo na Alemanha:

“Expulsámos os jesuítas, exclamava ela, porque queríamos permanecer Alemães, e guardamos os judeus que nos reduzem à mendicância.”

Expulsando os jesuítas, o sr. de Bismarck limitou-se a executar as ordens da Maçonaria e, se a Maçonaria e o sr. de Bismarck deixaram tranqüilos os judeus e lhes permitiram usar tudo na Alemanha, é que os judeus estão à testa das Lojas e os fazem marchar como entendem.

Acrescentava o mesmo jornal:

“A imprensa em peso é propriedade dos judeus. Possuem até os jornais oficiais ou oficiosos. Os agentes da imprensa, que a Chancelaria imperial põe à disposição dos nossos embaixadores no estrangeiro, são quase exclusivamente judeus.”

É muito natural que assim seja.

O dinheiro, tem-se dito muitas vezes, é o senhor do mundo. Ora, na Prússia, de 642 banqueiros, havia, em 1875, 550 que pertenciam à tribo de Judá, e haviam todos “visto a luz do terceiro cômodo”.

Já no reinado de Luiz-Filipe, todos os empregos elevados e lucrativos, até os da magistratura, escreveu Toussenel, eram de nomeação dos judeus. Era o judeu que distribuía as receitas gerais aos seus fiéis servidores e destituía os recebedores gerais que os incomodavam (1).

(*) *N. do T.* - Fundaram o Império e destruíram-no, quando lhes conveio ao domínio total.

(1) Toussenel, *Les juifs rois de L'Espagne*, t. I, págs. 10-19-20.

Os Filhos da Viúva aos quais ele havia previamente feito dar a pasta das Finanças, do Interior ou da Justiça, executavam servilmente as suas ordens, sem que ele precisasse de recorrer ao sinal de socorro.

As mesmas queixas se fazem ouvir na Itália.

O *Giornale di Roma*, em particular, fala com assombro da preponderância do semitismo. “Cumprе, diz ele, pôr dique a esta invasão; se não, nos acharemos um dia aprisionados, tantos quantos somos.”

Tarde demais; o mal existe e não conseguirão desembaraçar-se dele, a não ser recorrendo aos remédios heróicos.

“Esses parasitas, acrescentava a mesma folha, têm nas mãos a fortuna, a imprensa, as funções do Estado.”

O que me espanta é o espanto daquele que escreve essas linhas. Nada de tudo isso o teria surpreendido se houvesse sabido – e como podia ele ignorar? – que em Roma, não longe do seu escritório de redação, existe uma Loja exclusivamente composta de judeus e que dessa Loja partem as ordens soberanas a que os homens políticos obedecem sem protestar, podendo expô-los a graves incômodos todo protesto.

CAPITULO XIV

PODER DA PALAVRA DE ORDEM DADA PELOS CHEFES DESCONHECIDOS

DIZIA EU, num capítulo precedente, que entre os meios de ação a que recorrem os *chefes desconhecidos*, de que se compõe o conselho supremo da Maçonaria, figura a *palavra de ordem*.

Permita-se-me citar um fato que provará melhor do que todos os raciocínios o que pode a *palavra de ordem* sobre os papalvos que se acotovelam nas Lojas maçônicas:

A 28 de novembro de 1864, o *Journal de Bruxelles* anunciava aos leitores que, por ordem dos chefes desconhecidos da Ordem, a Franco-Maçonaria se dispunha a tomar conta da direção do ensino público.

“Importa, acrescentava o redator da folha, que os pais da família estejam imbuídos dessa verdade.”

Depois acrescentava:

“Temos hoje curiosos pormenores para fornecer sobre o trabalho de que é objeto o ensino nas Lojas belgas. Ver-se-á a que tristes e monstruosas aberrações chegou o espírito sectário entre nós, no seu desejo insensato de matar o espírito do catolicismo no seio das nossas gerações moças.

“O Grande Oriente da Bélgica pôs, nestes termos, na ordem do dia de todas as Lojas da sua obediência, a questão do ensino obrigatório:

“1.º Dizer o que se entende por ensino obrigatório;

“2.º Fixar o programa deste ensino;

“3.º Determinar os meios coercitivos para assegurar a execução da medida;

“4.º Formular um projeto de lei.”

“Responderam as Lojas às diversas questões que lhes foram propostas e das suas respostas revistas e corrigidas nas altas esferas, saiu o projeto. de lei que se segue:

“1.º Obrigação para o pai ou para a mãe viúva de mandar à força os filhos à escola;

“2.º Supressão de toda instrução religiosa;

“3.º Inscrição do nome dos pais em falta num quadro exposto publicamente diante da casa da câmara;

“4.º Condenação dos pais a multa de 100 francos no máximo e, em caso de insolvabilidade, a trabalhos forçados de um a trinta dias em proveito da comuna, ou a prisão de um a cinco dias;

“5.º Subtração da criança à direção paterna.”

Tratava-se de preparar a opinião pública para a aceitação dessas medidas draconianas.

Foi com esse fim que, a 16 de fevereiro de 1865, dois meses depois da elaboração do programa que acabo de reproduzir, se fundou na Bélgica a *Liga do ensino*, com o concurso ativo dos Franco-Maçons e judeus enfeudados à Maçonaria.

Na França, o Grande Oriente foi constrangido a ladear, não parecendo as Câmaras de então dispostas a aceitar os seus propósitos.

Limitou-se, pois, a imprensa anticlerical a fazer discretamente uma campanha hipócrita a favor do ensino *gratuito e obrigatório*, deixando de lado a questão religiosa ou não tocando nela senão com certa discrição.

Uma vez preparados os caminhos, julgou-se poder dar um passo a mais e criou-se unia *Liga do Ensino* segundo o modelo da *Liga Belga*. O primeiro boletim da nova associação judeu-maçônica apareceu a 15 de dezembro de 1866.

No ano seguinte, julgava-se inútil dissimular por mais tempo, e o *Monde Maçonnique* falava em termos inequívocos da Liga francesa e do seu fundador:

“Folgamos em verificar, escrevia o redator desta revista, que a *Liga do Ensino* do Ir.: Macé e a estátua do Ir.: Voltaire, encontram em todas as Lojas as mais vivas simpatias. Não se podiam unir as suas subscrições com mais harmonia. Voltaire, isto é, a destruição dos preconceitos e superstições, a *Liga do Ensino*, isto é, a edificação duma sociedade nova, unicamente baseada na ciência e instrução. Todos os nossos irmãos o compreendem assim.” (Abril de 1867).

No seu número de maio (mesmo ano) a revista citada exprimia-se com mais clareza ainda. Constatava que as doutrinas da *Liga* não diferiam nada das da Maçonaria e convidava todos os Maçons a fazerem-se-lhe apóstolos.

Por sua vez, o Grande Oriente pronunciou-se no mesmo sentido, em 11 de junho de 1870.

Mais tarde, quando as Câmaras votaram a lei sobre o ensino primário atualmente em vigor, o público nem sequer suspeitou que a sua redação fôra feita PELOS CHEFES DESCONHECIDOS da Maçonaria, e chegara ao Palacio-Bourbon passando pela Bélgica e o templo da rua Cadet.

Esta campanha contra as escolas católicas fôra preparada de longa data.

Em 1853, um franco-maçon, Henrique Carie, fundava a *Aliança religiosa universal*, cujos membros se compunham em parte de judeus progressistas e livres pensadores mais ou menos em evidência.

Contrariamente ao que o seu título parecia indicar, essa sociedade negava o sobrenatural e fazia da religião uma instituição puramente humana.

Pretendia a secularização das instituições de beneficência, tais como: *Hospitais, casas de caridade, ambulâncias militares*, etc., e a celebração civil do *nascimento, casamento e funerais*.

Durante perto de dez anos, os adeptos deram prova de atividade febril. Em 1860, tinham adquirido a quase certeza de que a sua obra estava definitivamente assentada e podiam desvencilhar-se da máscara em que se embiocaram a princípio.

A Aliança Israelita Universal, fundada pelos srs. Crémieux e Cahen, sucedeu à *Aliança Religiosa Universal*. Declara este último que esta associação lhe parecia necessária para rcerguer na França a Franco-Maçonaria, que perdera, muito do antigo vigor.

Ninguém ignora que Crémieux era um mais altos dignitários do rito escocês.

Essas duas revistas, preciso dizer, não se endereçavam ao povo ou pelo menos não o atingiam.

O ir.: Macé compreendeu-o e foi fundada *Liga do Ensino*.

As doutrinas da *Aliança Israelita Universal* das Lojas maçônicas chegariam doravante até as massas populares e teriam como resultado arrancá-las da Igreja e sufocar nelas a idéia de pátria.

O judeu e o Franco-Maçon são igualmente cosmopolitas. Um levanta a tenda onde o chama o seu interesse. É o mundo o seu domínio e dia virá em que todos os povos lhe serão sujeitos. Que lhe importa a ele, desde aí, o lugar do nascimento? O outro, amassado na mesma forma pelos chefes que o iniciaram, vê com o mesmo olho estrangeiros e patrícios, contanto que, como ele e seu irmão circunciso, conheçam a acácia.

Todos os sem-pátria são judeus, Franco-Maçons ou protestantes. Estes se embuçam, de boa vontade, com o título *de intelectuais*, como se a sua qualidade de calvinistas ou luteranos garantisse a cada um deles o monopólio da inteligência.

Toda gente sabe que OS PROTESTANTES MAIS EM EVIDÊNCIA, MAGISTRADOS, SENADORES, DEPUTADOS E MEMBROS DO ENSINO, FIZERAM CAUSA COMUM COM OS JUDEUS E FRANCO-MAÇONS quando se tratou de salvar Dreyfus.

Punham menos reserva nos seus protestos do que os próprios rabinos.

Essas manifestações dos representantes acreditados da Reforma deram um alcance, que sem isso não haveria tido, a esta palavra de Eliphas Lévy: “A grande associação cabalística conhecida na Europa sob o nome de *Maçonaria*, aparece de repente no mundo no momento em que o *protesto* contra a Igreja vem desmembrar a unidade cristã.”

“Os chefes desta associação, escrevia o mesmo autor, toleram todas as crenças, e não professam senão uma única filosofia.”

São eles tão tolerantes assim?

“Não buscam senão a verdade... *e querem conduzir progressivamente todas as inteligências à razão.*”

A sua tolerância consiste em fazer dos seus aderentes, por meio dos processos conhecidos e praticados nas Lojas, adoradores da deusa Razão.

“Certos corifeus do judaísmo, faz observar Gougenot des Mousseaux, professam abertamente esta filosofia, que corrompe e aproxima deles o mundo cristão.” Foi assim que procederam no tempo dos Gnósticos, dos Maniqueus e Albigenses, os precursores da Maçonaria, à qual aqueles herejes legaram o fundo das suas doutrinas, como se pode ver fazendo estudo atento das iniciações.”

“Os Cabalistas, diz ainda o autor que acabo de citar, chamam aos Judeus: *nossos pais na fé*, e seus chefes são os mesmos da *associação cabalística conhecida na Europa sob o nome de Maçonaria.*”

CAPÍTULO XV

ALGUMAS OBSERVAÇÕES PARA REGISTRAR COM CUIDADO

NÃO ENSINAREI nada a ninguém dizendo que os chefes da Comuna pertenciam quase todos às lojas maçônicas e a maior parte deles eram judeus ou protestantes de origem.

Sabe-se, ademais, que os federados quiseram apoderar-se do Banco de França e que foi Carlos Beslay quem salvou, não sem dificuldade, o nosso grande estabelecimento financeiro.

Beslay era um católico que os acontecimentos de 1870-71 impeliram às fileiras da insurreição, mas cujo patriotismo não sofrera felizmente dano algum.

Os depósitos do Banco escaparam à pilhagem, graças à intervenção de um francês digno dêsse nome.

Teve Carlos Beslay necessidade de intervir para salvar do saque os bancos judeus, como o fizera para o Banco de França?

Não foi necessária a sua intervenção, não tendo sido ameaçado nenhum deles.

Não se leu em parte alguma que aqueles que, em 1871, deram a ordem de “flamber finances”, hajam proferido a mínima ameaça contra os grandes judeus da capital e tentado petrolar ou mandar petrolar os seus imóveis.

Confessemos que há singulares coincidências.

As pessoas que suspeitavam viram nisso não somente coin-

cidências mais ou menos fortuitas, senão cumplicidade inegável e, para falar francamente, sou da opinião delas.

Nos diversos negócios financeiros que, desde 1877, têm sido funestos a tantas famílias católicas, REVELOU-SE DE MANEIRA IMPRESSIONANTE, O ACORDO DO JUDEU, DO PROTESTANTE E DA FRANCO-MAÇONARIA.

Afigura-se fora de contestação o entendimento do judeu e do Franco-Maçon, mas o do protestante com os Maçons e judeus parece-nos duvidoso, dir-me-eis talvez.

“O judeu, tornado prudente por suas desventuras, na Alemanha e alhures, diz Drumont, na *France juive*, não ataca mais de frente o catolicismo; sopra Lutero, inspira-o, sugere-lhe melhores argumentos. . .”

“Todo católico que se torna protestante, disse Alexandre Weil, citado pelo grande escritor, *dá um passo para o Judaísmo*. TODO PROTESTANTE, seria mais justo dizer, É PELA METADE JUDEU.”

“O protestantismo serviu de ponte para entrarem os judeus não na sociedade, mas na humanidade. A Bíblia deixada em segunda plano, na idade-média, tomou o lugar mais perto dos Evangelhos, o Antigo Testamento foi posto ao lado do Novo. Atrás da Bíblia, apareceu o Talmud. Reuchlin, o homem dos judeus, fez campanha para lançar de novo na circulação o livro proscrito (1).”

Acrescentemos, para completar esta nota, que os protestantes mais em evidência e três quartos pelo menos dos pastores pertencem às Lojas, onde perderam, em contato com judeus e filhos da Viúva, o pouco de fé que lhes restava. Rivalizam em zelo anti-religioso com os seus cúmplices e trabalham de concerto com eles, para a reconstrução do emplo de Salomão.

“Desde o começo da República, disse ainda Drumont, o protestantismo francês fez aliança com a judiaria cujos interesses

(1) *La France juive*, tome I, pág. 190.

Waddington foi sustentar no congresso de Berlim. Estava certo. Constatou-se vinte vezes a estreita conexão que existe entre o judeu e o protestante.

“Um protestante, disse Heine, é um católico que deixa a idolatria trinitária a fim de marchar para o monoteísmo judeu (1).”

* * *

Também Eduardo Drumont constatou os vínculos de parentesco que unem entre si os FrancoMaçons e os Judeus.

“A origem judaica da Maçonaria, escreve, é manifesta e os judeus não podem sequer ser acusados de muita dissimulação nessa circunstância. Com efeito, jamais foi indicado fim mais claro debaixo de mais transparente alegoria. Foi mister toda a ingenuidade dos Arianos para não compreender que, convidar-los a unir-se para transtornar a antiga sociedade e reconstituir o templo de Salomão, seria convidá-los a assegurar a vitória de Israel

“Abri seja que ritual for, e tudo vos fala da Judéia. *Kadosch*, o mais alto grau, quer dizer santo em hebraico. O castiçal de sete braços, a arca da aliança, a mesa de madeira de acácia, nada falta a essa instituição figurativa do Templo...

“A frase famosa que trocam entre si os iniciados e que o sr. Andrieux pôs em ridículo. “a acácia é conhecida por mim”, prende-se igualmente às mais remotas tradições judias. A acácia, responde um franco-maçon a uma pergunta feita no *Intermédiaire*, é o ramo de ouro da iniciação moderna; é para isso e por isso que se torna maçon, quando se penetrou o segredo dela. Segundo a Escritura sagrada, essa árvore amiúde designada pelo nome

(1) *La France juive*, tome II, pág. 360

de *Shittah* (no plural *Shittim*) era considerada sagrada entre os hebreus; por ordem de Moisés, o tabernáculo, a arca da aliança e todos os utensílios religiosos foram feitos dessa madeira, e o profeta Isaías recomendava, aos Israelitas, de volta do cativeiro, tivessem o cuidado de plantar no deserto cedros e acácias (*shittim*) cuja utilidade e encanto deviam ser incontestáveis (1).”

Hão de reconhecer os meus leitores, espero eu, que a minha tese recebe, da opinião do grande escritor que cito ao terminar, um valor excepcional (*).

(1) *La France juive*, tome II, págs. 312-313

(*) *N. do T.* - Esta obra foi publicada em Paris, 1903, pela livraria *Bloud et Cie.* com o título: “La franc-Maçonnerie secte juive”. Aos que desejem informar-se mais profundamente da questão, são recomendáveis, entre outros, os seguintes livros: “As forças secretas da revolução”, Léon de Poncins; “Os Protocolos dos Sábios de Sião”; “História Secreta do Brasil”, “Brasil - Colônia de banqueiros”; todos de Gustavo Barroso; “Invasão dos Judeus”, de Mario Saa; “História dos Cristãos Novos Portugueses”, de J. Lucio d’Azevedo; “O Judeu Internacional”, de Henry Ford, e outros e outros.

O TALMUD E OS JUDEUS

APÊNDICE

O TALMUD E OS JUDEUS

por

Gustavo BARROSO

1.º - Seção de Da Bracha

2.º - Seção de Da Bracha de uma parte da obra

3.º - Seção de Da Bracha de uma parte da obra

4.º - Seção de Da Bracha de uma parte da obra

O TALMUD E OS JUDEUS

O TALMUD – guia religioso e moral dos judeus – é o documento irresponsável que permite ao não-judeu, *goy ou akum*, como é chamado, compreender nitidamente os sentimentos, os desejos recônditos e a ação disfarçada do judaísmo. Revela as intimidades dos israelitas. Sem o conhecimento desse *livro sagrado* do povo errante, não se pode formar um juízo perfeito sobre o caráter singular da raça judaica e, sua atuação deletéria no seio da humanidade cristã, através dos séculos, até alcançar o predomínio econômico e político de hoje.

O TALMUD é a forma em que se modelou o judeu. É, como se verá da documentação a seguir, um verdadeiro código de bandidos.

O TALMUD vulgarmente chamado de Jerusalém ou MISCHNA divide-se em seis grandes livros ou SEDERIM, cada um dos quais contém de 7 a 12 Tratados:

LIVRO I: SERAIM, Da Agricultura e Horticultura; ou **ZERAIM**, As Sementes.

Tratados:

- 1.º - Berakhot, Da Benção.
- 2.º - Béah, Pedaco de terra para os pobres.
- 3.º - Demai, Frutos proibidos.
- 4.º - Kilajim, Misturas proibidas entre plantas, animais e vestes.

- 5.º - **Sch'wizz**, O Sétimo Ano depois de seis de trabalho.
- 6.º - **Trumoth**, Imposto aos Rabinos.
- 7.º - **Maaroth**, Dizimo dos Levitas.
- 8.º - **Mazes scheni**, Dízimos gastos no Templo.
- 9.º - **Kallah**, Massa para os Rabinos.
- 10.º - **Orlach**, Prepúcio de árvore,
- 11.º - **Bikkurim**, O primeiro filho.

LIVRO II: MOÉD, Feriados e Festas; de **MOÉD**, Coisas sagradas da Ordem Eterna.

Tratados:

- 1.º - **Shabath**, Dia de descanso.
- 2.º - **Erubin**, Das misturas.
- 3.º - **Pesachim**, A Páscoa.
- 4.º - **Bétzah** ou **Yom Tab**, Ovo originado no Sábado ou dias melhores.
- 5.º - **Chagigah**, Alegria da festa.
- 6.º - **Moéd Katan**, Festas menores.
- 7.º - **Rosch Haschannah**, Ano Novo.
- 8.º - **Taanith**, Dia de penitência.
- 9.º - **Schekalim**, Das moedas santas para o Templo.
- 10.º - **Yoma**, Dia da reconciliação (Yom Kippur).
- 11.º - **Szukah**, Festa dos Tabernáculos.
- 12.º - **Megillah**, Rolo de Pergaminho (festa do Purim).

LIVRO III: NASCHIM, Leis do casamento; de **Nashim**, Das mulheres e da família.

Tratados:

- 1.º - **Jabmuth**, Da cunhada.
- 2.º - **Kethuboth**, Escrita, renda ou aluguel.
- 3.º - **Kidduschin**, Verbo-Santo, noivado.
- 4.º - **Gittin**, Carta de repúdio.

5.º - Nedarin, Promessas e juramentos.

6.º - Nazir, Da renúncia.

7.º - Sotha, Da adúltera.

LIVRO IV: NESIKIN, Indenização; de NAZCHIM, Iniquidades e castigo.

Tratados:

1.º - Baba kammah, Primeira Porta.

2.º - Baba mezziah, Porta do meio.

3.º - Baba bathra, última porta.

4.º - Aboda zarah, Da idolatria.

5.º - Sanhedrin, O Grande Conselho, o Sínodo.

6.º - Makkoth, Do flagelo.

7.º - Shebuoth, Do juramento.

8.º - Horajoth, Dos decretos.

9.º - Edujoth, Da testemunha.

10.º - Pirkeh Aboth, Provérbios.

LIVRO V: KADASCHIM ou KADOSCHIM, Coisas Sagradas.

Tratados:

1.º - Sebchim, Sacrifício.

2.º - Menachoth, Da oblação.

3.º - Bakhoroth, Do primogênito.

4.º - Chollin, Matança profana.

5.º - Erachim, Valorização das coisas sagradas.

6.º - Themurah, Da troca.

7.º - Kherithoth, Do castigo e da exterminação.

8.º - Meilah, Das falsificações e desvios.

9.º - Kimim, Das sobras.

10.º - Thamid, Do sacrifício diário.

11.º - Middoth, Das medidas do Templo.

LIVRO VI: TEAROTH ou THAROTH, Modos de purificação.

Tratados:

- 1.º - Niddah, Impureza feminina.
- 2.º - Keilim, Peças domiciliares.
- 3.º - Oholoth, Das tendas.
- 4.º - Negaim, Dos impuros.
- 5.º - Parah, Da legítima vaca vermelha.
- 6.º - Taharoth, Sabedoria da purificação.
- 7.º - Mikwaoth, Banhos de purificação.
- 8.º - Makshirin, Das coisas que maculam.
- 9.º - Sabim, Dos fluxos impuros.
- 10.º - Tebul yom, Purificados no mesmo dia.
- 11.º - Joda jím, lavagem das mãos.
- 12.º - Ukzim, Pedúnculo dos frutos.

* * *

Há dois TALMUDS, o de Jerusalém e o de Babilônia ou GHEMARA; além deles as THOSPHATA ou Adições, os BERITCHTA ou Apêndices e os MARASCHIM ou Comentários. Os nomes hebraicos variam de forma, segundo os autores que os citam, porque a língua hebraica se escreve com consoantes, ficar as vogais de certo modo ao sabor das prosódias.

Costuma-se citar o TALMUD pondo o nome do tratado e o número da folha, com as letras *a* e *b* para indicar o verso e o reverso da mesma.

Sobre o TALMUD pode-se consultar o "Spruch Lexikon des Talmud und Nedrasch" do rabino Julius Dessauer, edição de Budapest, 1876, existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Existe uma vasta bibliografia sobre o assunto.

TEXTOS ESCOLHIDOS DO TALMUD

BERAKHOT - 58 a: “Quem vir a multidão ou os túmulos dos não-judeus deverá dizer (Jer. 50, 12): – Mui envergonhada será vossa mãe, confundida será a que vos deu à luz.”

SCABATH - 89 a: “Que significa HAR SINAI? Significa a montanha do alto da qual foi espalhado o ódio contra todos os povos do mundo.”

ERUBIN - 61 b e 62 a: “A quinta de um não-judeu é a mesma coisa que um curral.”

75 a: “A casa de um não-judeu não pode ser considerada domicílio.”

PESACHIM - 122 a: “É permitido matar quem não crê em Jeová.”

YOMA - 85 a: “O Rabino José diz: “Quando se tratar da salvação de vidas, não se deverá levar em conta a quantidade. Mas, se a maioria for de não-judeus, a salvação das vidas não será obrigatória.”

88 a: “É Proibido devolver aquilo que um não-judeu perdeu.”

ROSCH HASCHANNAH - 19 a: “As palavras da doutrina oral são iguais às das leis.”

YOM TAB ou BEZA - 21 b: “Para vós, e não para os não-judeus, é que são os feriados... Por que os cães são inclu-

ídeos e os não-judeus excluídos? Porque a alimentação dos cães é necessária e a dos não-judeus não é obrigatória.”

TAANITH - 10 a: “Por que as sentinelas dos Rabinos não rezam no domingo? O Rabino Iokanan respondeu: Para que ninguém pense que se estão fraternizando com os Nazarenos, que declaram o domingo Dia do Senhor.”

MEGILLAH - 66 a: “O Rabino Destaj diz que é permitido provocar crimes contra os povos.”

MOÉD KATAN - 106 a: “E’ permitido ir à feira dos não-judeus e comprar gado, escravos, criadas, casas, campos e vinhas, porque serão considerados como coisas salvas de suas mãos.”

CHAGIGAH - 656 a: “Desde a demolição do Templo, Deus chora muito mais, porque ele pecou muito com isso.”

986 a: “O não-judeu não tem nenhum pai porque os não-judeus vivem afogados na impudicícia; Jeová declarou seu fluxo livre, porque está escrito (Eze. 23, 20) que suas carnes são como as carnes dos jumentos e seu fluxo como o fluxo dos cavalos.”

123 a: “Vale para todos os povos – não debes prestar-lhes nenhum favor!”

KETHUBOTH - 4 b: “O coito com um não-judeu ou uma não-judia não merece o menor castigo, porque seus filhos estão fora da doutrina e está escrito que seu fluxo é como o dos cavalos.”

KIDDUSCHIN - 82 a: “O melhor médico pertence ao inferno e o melhor carniceiro é um companheiro de Abimelech, se não matam o melhor dos não-judeus.”

GITTIN - 62 a: “Não se deve visitar o não-judeu no dia de sua festa; encontrando-o na rua, deve-se saudá-lo ligeiramente e tardiamente.”

NEDARIM - 316 a: “Se não fôsse a circuncisão, Jeová não teria criado o céu e a terra.”

SOTHA - 356 a: “Os povos serão incendiados e reduzidos a cal.”

BABA KAMMAH - 376 a: “Um israelita estará livre de pagar indenização, se seu boi derrubar o do não-judeu; mas, se o boi do não-judeu derrubar o do israelita, o não-judeu será obrigado a pagar indenização total, porque Jeová não reconhece a propriedade dos haveres dos não-judeus.”

113 b: “Porque sabes que é permitido guardar o que o não-judeu perdeu? Porque está escrito (Deuter. 22, 3): “Restitui o que teu irmão tiver perdido, mas o não-judeu não é teu irmão. Se devolveres, cometerás grande pecado contra a lei.”

BABA MEZZIAH - 706 a: “Deves praticar a usura para com o estrangeiro.”

111 b: “Não é permitido roubar o judeu, mas é permitido roubar o não-judeu.”

BABA BATHRA - 54 b: “Os bens do não-judeu são bens do deserto, são bens sem dono; quem os obtiver por último adquiri-los-á.”

SANHEDRIN - 57 a: “Ensina-se que a respeito de roubo, furto, rapto de uma mulher bonita, de um não-judeu por um não-judeu e de um judeu por um não-judeu, é proibido; mas de um não-judeu por um judeu é permitido. O derramamento de sangue de um não judeu por um não-judeu e de um judeu por um não-judeu é proibido, mas de um não-judeu por um judeu é permitido. A retenção do salário de um não-judeu por um não-judeu e de um judeu por um não-judeu é proibida, mas de um não-judeu por um judeu é permitida.”

58 b: “Se um não-judeu bater num judeu, merecerá a morte. Quem esbofeteia um judeu é corno se tivesse esbofeteado a Divindade.”

74 b: “O coito dos não-judeus é como o coito dos animais.”

88 a: "As palavras dos Rabinos são mais severas do que as palavras da Lei."

104 a: "Rabi disse ao Rabino Iokanan: Em todas as partes em que vocês chegarem tornar-se-ão príncipes dos donos."

105 a: "O Rabino Eliézer disse: Jesus e seus aderentes devem ser considerados como ateus; mas o Rabino Jeoschua demonstra que, não somente Jesus e seus aderentes são ateus, como também todos os idólatras."

110 a: "O Rabino Chiscla disse: Se alguém lutar contra seu mestre (Rabino), será como se lutasse contra a Divindade, e, se alguém disputar com seu mestre, será como se disputasse com a Divindade."

ABODA ZARA - 20 a: "Ninguém pode vender nada que esteja fixo na terra ou seja cortado da terra ao estranho, porque está escrito (Deuter. 7, 2): "Não terás piedade deles, nem a nenhum deles debes conceder que se estabeleçam na terra."

"Se alguém tirar um não-judeu que tenha caído num fosso, conservará mais um para a idolatria."

27 b: "Se alguém for obrigado sob ameaça de morte a adorar um ídolo, deverá adorá-lo e não se deixar matar."

77 a: "É proibido emprestar aos não-judeus sem usura; mas é permitido praticar com eles a usura."

SCHEBUOTH - 9 a: "Resch Lakisch disse: Por que dizer que se mandou na lua nova um bode a Jeová? O Sagrado disse (Num. 28, 15): Oferecerás um bode como oblata do pecado a Jeová; oferecer-se-á este, além do holocausto perpétuo e da sua oferta de libação."

ENACHOTH - 44 a: "O homem é obrigado diariamente a dizer as seguintes três fórmulas: Graças a Deus por não me ter feito um não-judeu, por não me ter feito mulher e por não me ter feito um ignorante."

NIDDA - 476 a: “A menina de três anos e um dia pode ser desposada pelo coito; mas, se ela tiver menos de três anos, o coito será como se tivesse sido realizado com o dedo, visto como isso não tira a virgindade, porque o selo se refaz.”

ABODA ZARA - 37 a: “É proibido desposar a menina não-judia com quem se tenha realizado o coito, porque ela profana como uma doente.”

SCHULCHAN ARUKH

(A Mesa Preparada)

MUITOS Rabinos e a grande maioria dos judeus sentiam graves dificuldades na leitura do TALMUD, devido à sua linguagem antiquada e ao sistema consonantal de sua escrita. Por isso, os grandes Rabinos, Sábios de Sião, Maimônides, Jacob Ben-Ascher, José Karo e Moisés Isserlés, traduziram-no e sintetizaram-no para o uso prático tanto dos Rabinos como do *povo eleito*. Foram os dois últimos que deram aos judeus o famoso código amoral chamado SCHULCHAN ARUKH ou a Mesa Preparada. É impossível aos judeus negarem esses documentos de sua infâmia, visto como seus originais existem nas bibliotecas, suas traduções têm sido autenticadas e a imprensa judaica os elogia, denominando-os textualmente, ao TALMUD e ao SCHULCHAN ARUKH a “Bandeira e o Nervo da vida dos judeus.”

O SCHULCHAN ARUKH é como que o Breviário dos Rabinos, que devem lê-lo pelo menos uma vez por mês até sabê-lo de cor e salteado. O SCHULCHAN ARUKH divide-se em quatro Livros. O I tem 27 capítulos e 697 parágrafos; o II 35 capítulos e 403 parágrafos; o III 29 capítulos. e 427 parágrafos; o IV 5 capítulos e 178 parágrafos.

Façamos alguns extratos dessa obra prima de velhacaria e amoralidade:

LIVRO I - ORACH CHAJIM - O Caminho da Vida - 55, 20:

“Se estiverem dez judeus juntos em um lugar e rezarem KDISCH, um outro que não pertença ao grupo poderá dizer AMEM; mas muitos observam ser preciso que não estejam separados por não-judeus ou por excrementos.”

113,8: “Quando um judeu estiver rezando e vier ao seu encontro um não-judeu com uma cruz na mão, se estiver justamente na porte da reza em que se deve inclinar, então não se deverá inclinar.”

433: “Quando o Kahal se reúne na sinagoga no dia do Kippur, levantam-se dois sábios, homens distintos (cohenim), para cantar; um fica do lado direito, o outro do esquerdo. Dizem em voz alta: A Sabedoria de Deus e a sabedoria do Kahal nas superiores, altas e celestes escolas da terra permitem que a reza seja executada em companhia do seu representante e dos pecadores. Então, começa a oração do KOL Nidre e cantam três vezes, uma depois da outra, cada vez num tom mais alto, em caldaico, como se segue:

“Todas as promessas e laços e juramentos e abstinências e subtrações e punições que queremos prometer e jurar e desterrar estarão na nossa alma neste dia de propiciação até o melhor e próximo dia de propiciação. Arrependemo-nos de todos antecipadamente e sernos-ão perdoados, cedidos, cessados, inutilizados, anulados, destituídos e desvirtuados. Nossas promessas não são mais promessas; nossos laços não são mais laços; e nossos juramentos não são mais juramentos.”

JORE DE AH - Doutrina da Sabedoria - 66: “É permitido comer o sangue de peixe, mas não acumulado numa vasilha. Também não é proibido comer o sangue humano nas

mesmas condições.” (Daí os crimes rituais).

141, 1: “É proibido fazer reverência diante da imagem duma cruz, que é como um ídolo.”

147, 1: “É permitido escarnecer dos tolos e dizer ao não-judeu: O teu Deus ajuda-te ou abençoa a tua obra.”

158: “Não se deve matar diretamente os não-judeus dedicados à idolatria e os pastores, mas também não se deve salvá-los, no caso de estarem em perigo. Por exemplo: se um cair na água, não se deverá tirá-lo, nem por dinheiro. E não se deverá curá-los de uma doença mortal, nem mesmo por dinheiro.”

232, 12 - 14: “Quem for obrigado a um juramento, mesmo se for feito em nome de Deus, não deverá julgar o juramento válido, porque isto não é juramento de espécie alguma. Se um rei, príncipe ou outros superiores ordenarem a um israelita que jure o que mandam, ele não será obrigado a dizer a verdade se disso resultar perigo contra um de seus companheiros de crença. Se, por exemplo, sob juramento tiver que dizer que um israelita violou esta ou aquela mulher, o o que for inquerido como testemunha, deverá dizer, sem hesitação, o contrário do que sabe e revogar logo o juramento o seu foro íntimo, considerando-o juramento forçado. O mesmo deverá acontecer no caso de um superior querer apreender o dinheiro ou bens de um israelita, tendo-os mesmo por precaução dado para guardar. Então, o que os tiver guardado não precisará dizer a verdade, se fôr obrigado ao juramento.”

241: “O filho de uma serva ou duma estrangeira não tem nenhuma obrigação para com seus pais, porque cada criança no ventre de uma serva ou de uma não-judia não é melhor do que um animal, como escreveu Ture Schab.”

CHOSCHEN HA-MISHPAT – O Escudo da Justiça – 28:

“Se um israelita dever a um não-judeu e houver outro israelita que possa testemunhar isso em favor do não-judeu

contra o israelita, não existindo outra testemunha, e o não-judeu exigir que dê testemunho em seu favor, então estará proibido o israelita, em lugar onde a lei do não-judeu permita exigir o dinheiro da dívida em face de um testemunho, de dá-lo em favor do não-judeu que o exija; e, se já tiver dado esse testemunho, deverá ser excomungado.”

34: “Um não-judeu e um escravo não podem servir de testemunhas.”

176,12: “Se o sócio de um estabelecimento roubar ou furtar, deverá dividir o lucro com o outro sócio, mas, se houver prejuízo, este deverá ficar por sua conta. Quando se aluga alguém para negociar com os seus, tudo o que ele acha pertence-lhe e, se cobrar dívidas já pagas de um não-judeu, isso será como se fosse de categoria das coisas achadas... Quem, por conseguinte, recebe dinheiro desse modo do não-judeu não é obrigado a restituí-lo ao seu chefe, estando até antecipadamente autorizado a guardar para si esse dinheiro. É proibido fazer sociedade com um não-judeu.”

183,7: “Se alguém mandar um mensageiro cobrar dinheiro de um não-judeu e este se enganar, dando ao mensageiro demais, então isso pertencerá ao mensageiro. Se alguém fizer negócios com um não-judeu e um colega chegar e ajudar o primeiro a enganar o não-judeu na medida ou no preço, tudo pertencerá ao primeiro, como se o outro tivesse ajudado pago ou gratuitamente.”

227,26: “Nenhuma fraude é demasiadamente grande para com os não-judeus, porque está dito: – Não debes enganar teu irmão. Mas o não-judeu que enganar o judeu terá de devolver o que ganhou, de acordo com nossas leis, a fim de que não leve vantagem em relação ao israelita.”

259, 3: “Se se acha uma coisa perdida num local geralmente freqüentado por não-judeus, não se deve devolvê-la.”

283, 1: “Se um israelita deve alguma coisa um não-judeu, este morre e nenhum outro não-judeu sabe disso, não é

obrigado a pagar a dívida aos herdeiros.”

348: “Se um judeu roubar alguma coisa outro judeu vier ajudá-lo a carregar o produto do roubo, o primeiro não será obrigado a pagar a ajuda.”

388,2: “Quando o Rei precisa de vinho, palha ou coisas semelhantes e vai um e informa que fulano e beltrano têm depósitos em tal ou qual lugar, e carregam o que estava depositado, esse traidor é obrigado a restituir o que foi tirado. Um traidor, quando especialmente prevenido pela justiça israelita, não deve procurar a justiça dos não-judeus. E’ proibido entregar um israelita ou a sua fortuna ao poder do não-judeu ou traí-lo; mas, se o traidor for denunciado por ele, será permitido trair o traidor e até matá-lo, no caso do israelita não se poder salvar de outra maneira. Um traidor não pode participar da vida eterna. É ainda hoje permitido matar o traidor em qualquer lugar antes que ele possa cair. Deve-se primeiro prevení-lo; se não atender ao conselho, o primeiro que o vir deverá atá-lo, porque praticará obra boa. Também pode cortar-lhe a língua ou cegá-lo. Se faltar tempo para prevení-lo, isso não será imprescindível. Quem trair o Kahal poderá ser entregue aos não-judeus. Que eles lhe batam, o prendam e o castiguem com multas. Se alguém quiser fugir ao pagamento de uma dívida a um não-judeu e um israelita o denunciar, praticará ato muito mau e deverá ser obrigado a pagar a dívida ao não-judeu. Se um israelita provadamente três vezes houver denunciado outro israelita ou o seu dinheiro a um não-judeu, então dever-se-á procurar meios e modos de tirar-lhe a vida.

409: “Nos dias que correm, moramos entre os não-judeus.”

425: “Para aquele que a THORA (a Lei) e os profetas negam, temos uma lei que manda matá-los, se possível, com a espada; se não, armando-lhes ciladas até que se ocasione sua morte. Por exemplo: se alguém vir que um deles vai cair

num poço e ali houver uma escada, deverá tirar primeiramente a escada, dizendo: – Preciso fazer descer ali o meu filho e logo trarei de volta a escada. Aos não-judeus, com quem não estivermos em guerra não causaremos a morte, mas será proibido salvar-lhes a vida.

O célebre Rabino Morescheli bar Maimon (Maimônides) diz claramente que devem ser considerados aspas da Thora os enstãos, os maometanos, etc.”

EBEN HAEZ-ER - 6: “Um Rabino não pode casar com uma divorciada, uma prostituta ou uma degenerada. Que é prostituta? Todas as filhas dos não-judeus ou a filha de judeu que teve relações com quem não podia casar, bastando para isso ter sido somente despida. . .

15: “Também é proibido pela Lei casar com a irmã ou a meia irmã, salvo se filhas de escravas de não-judias.”

* * *

Parece não ser preciso a aumentar a conta destes excertos para demonstrar documentadamente a infâmia dum povo parasita que se rege por um código dessa ordem. Será possível que os cristãos acordem de sua letargia suicida e se não disponham a uma ação de conjunto contra o judaísmo torpe, usurário, ladrão e assassino dos povos? Diante do TALMUD, ninguém pode mais negar autenticidade aos famosos PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO. O Segredo da Questão Judaica está revelado. Quem quiser que se acautele. Os exemplos da Rússia e da Espanha são eloqüentíssimos.

A VOZ DE JESUS E DE SEUS APÓSTOLOS

S. Mateus - 23,15: “Ai de vós, Escribas e Fariseus hipócritas! porque rodeais o mar e a terra por fazerdes um prosélito, e, depois de o terdes feito, o fazeis em dobro mais digno do inferno do que vós.”

S. Lucas - 16,16: “A Lei e os Profetas duraram até a vinda de João; desde esse tempo é o Reino de Deus anunciado, e cada um faz fôrça por entrar nele.”

João - 6, 32: “E Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade vos digo que Moisés não vos deu o pão do céu; mas meu Pai é o que vos dá o verdadeiro pão do céu.”

7,7: “O mundo não vos pode aborrecer; mas ele me aborrece a mim, porque eu dou testemunho dele, que são más as suas obras.”

7,28: “E Jesus levantava a voz no Templo, ensinando e dizendo: Vós outros não só conheceis, mas sabeis, de onde sou; e eu vim de mim mesmo; mas é verdadeiro o que me enviou, a quem vós não conheceis.”

8,44: “Vós sois filhos do diabo e quereis cumprir os desejos de vosso pai. Ele era homicida desde o princípio, e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando ele diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.”

Epístola de S. Paulo a Tito – 1-10 a 16: “Porque há ainda muitos desobedientes, vãos faladores e impostores, principalmente os que são da circuncisão; é necessário convencer a estes tais, que transtornam casas inteiras, ensinando o que não convêm por torpe ganho. Disse um dentre eles, próprio profeta seu: que os de Creta sempre são mentirosos, mas bestas, ventres preguiçosos. Este testemunho é verdadeiro. Por esta causa repreende-se asperamente, para que sejam sãos na fé. Não dêem ouvidos a fábulas judaicas, nem ao mandamento de homens que se apartam da verdade. Para os limpos, todas as coisas são limpas; mas, para os impuros e infieis, nada há limpo; antes se acham contaminadas tanto a sua mente como a sua consciência. Eles confessam que conhecem a Deus; mas negam-no com as obras, sendo abomináveis e rebeldes, e reprovados para toda a obra boa.”

Primeira Epístola de S. Paulo aos Tessalônicos 2, 15: “Os quais judeus também mataram o Senhor Jesus e os Profetas, e nos têm perseguido a nós, e não são do agrado de Deus, e são inimigos de todos os homens.”

OS JUDEUS CONDENADOS PELA BIBLIA

O JUDEU Jacob Schulchan, à pg. 17 de seu livro “*Der Zionismus und seine Zukunft*”, publicado em 1932 em Varsovia, escreve o seguinte: “O povo judeu – com raríssimas exceções – desprezou sua tarefa, sua missão; afundou-se demasiado na sujeira da vida trivial de todos os dias; caiu muito baixo na orgia do materialismo! Por isso, falta-lhe a força de terminar sua missão; não é mais o povo-eleito, porque se acha privado do Espírito Santo (Ruha hakodasch).”

Isso nada mais é do que a confirmação em nossos dias do que vem contado, pesado e medido na Sagrada Escritura. Documentemos a asserção com os textos:

Deuteronômio:

XXXI - 17: “E o meu furor se acenderá naquele dia contra ele, e eu o deixarei e esconderei dele o meu rosto, Me será devorado; sobre ele virão todos os males e aflições, sobremaneira que dirá naquele dia: Em verdade que, por Deus não estar comigo, me vieram estes males.”

XXVIII 64: “O Senhor te espalhara por todos os povos desde uma extremidade da terra até os seus fins, e lá servirás a deuses estranhos que tu e teus pais ignoram, a paus e a pedras.”

XXVIII - 65: “Tão pouco terás repouso entre estes povos, nem a planta do teu pé achará descanso, porque o Senhor te dará alí um coração medroso, e uns olhos descaídos, e uma alma consumida de tristeza.”

XXVIII - 66: "E a tua vida estará como que em suspenso diante de ti: temerás de dia e de noite, e não crerás na tua vida."

XXVIII - 15: "Porém, se tu não quiseses ouvir a voz do Senhor teu Deus, e não guardares e praticares todas as suas ordenações e as cerimônias que eu hoje te prescrevo, virão sobre ti e te alcançarão todas estas maldições."

XXVIII - 16: "Tu serás maldito na cidade, maldito no campo."

XXVIII - 29: "De sorte que andes às apalpadelas no pino do dia como costuma fazer o cego às escuras, e não acertes nos teus caminhos; e em todo o tempo sejas denegrido de calúnias e oprimido de violências, nem tenhas quem te livre."

XXVIII - 37: "E ver-te-ás na última miséria, como o ludibrio e a fábula de todos os povos onde o Senhor te houver levado."

IV - 26: "Eu chamo hoje por testemunhas o céu e a terra que vós sereis bem cedo exterminados da terra que, passado o Jordão, estais para possuir: não habitareis nela muito tempo; mas o Senhor vos destruirá."

IV - 27: "E vos espalhará por todos os povos, e vós ficareis poucos entre as nações a que o Senhor vos levará."

Levítico:

XXVI - 17: "Porei a minha face contra vós, e caireis diante de vossos inimigos e vivereis sujeitos aos que vos aborrecem; fugireis sem que ninguém vos persiga."

XXVI - 36: "E aos que ficarem de vós outros porei eu espanto nos seus corações nas terras dos inimigos: o ruído duma folha que se bole os aterrorará, e assim fugirão como de uma espada; cairão sem que ninguém os persiga."

XXVI - 37: "E precipitar-se-ão cada um deles sobre seus irmãos, como se fugissem duma batalha; nenhum de vós ousará resistir aos inimigos."

XXVI - 38: "Perecereis entre as gentes e a terra inimiga vos consumirá."

XXVI - 39: "E, se ficarem ainda alguns deles, estes se mirrarão entre as suas iniquidades na terra de seus inimigos, e serão oprimidos de aflições por causa dos pecados de seus pais e dos seus."

XXVI - 40: "Até que confessem as suas maldades e as de seus maiores, com que prevaricaram contra mim e andaram ao contrário de mim."

XXVI - 41: "Eu pois também andarei contra eles, e os meterei em terra inimiga até que o seu circuncidado coração fique corrido de vergonha. Então, pedirão perdão das suas impiedades."

Jeremias - VII:

15: "E eu vos lançarei bem longe da minha face, como lancei a todos os vossos irmãos, a toda a linhagem de Efraim."

XXIII - 39: "Portanto eis aí eu vos tomarei para levar-vos, e vos abandonarei longe da minha presença a vós, e a cidade que vos dei, e a vossos pais."

XXIII - 40: "E entregar-vos-ei a um opróbrio sempiterno e a uma eterna ignomínia, que nunca se apagará da memória."

XVI - 12: "E vós mesmos ainda fizestes pior do que vossos pais, porque eis aí está que cada um vai atrás da depravação de seu mau coração, para me não dar ouvidos".

XVI - 13: "E lançar-vos-ei desta terra para uma terra que não conheceis vós, nem vossos pais; e servireis ali a deuses estranhos de dia e de noite, os quais não vos darão descanso."

Amós:

V: 21: "Eu aborreço e tenho rejeitado as vossas festas, e não receberei o cheiro de vossos ajuntamentos."

V - 24: "E os meus juízos se darão a ver contra vós como uma água que transborda, e a minha justiça como uma impetuosa corrente."

Ezequiel:

V - 10: "Por isso os pais comerão a seus filhos no meio de ti, e os filhos comerão a seus pais, e eu exercerei em ti os meus juízos, e a todo vento espalharei os que restarem de ti."

V - 14: "E eu te reduzirei a um desertor e a ser o opróbrio das gentes que estão ao redor de ti, à vista de todo o que for passando."

V - 15: "E serás o opróbrio e a blasfêmia, o escarmento e o assombro entre as gentes que estão no teu contorno, quando eu tiver exercido os meus juízos contra ti com furor, e com indignação, e com increpações de ira."

Isaías:

XXXIII - 1: "Ai de ti, que roubas; por ventura não serás tu roubado? E tu, que desprezas, não serás também desprezado? Quando acabares de despojar, serás despojado; quando, já cansado, deixares de desprezar, serás desprezado."

O prelado católico polonês doutor Trzeciak faz a propósito dessas profecias bíblicas o seguinte judicioso comentário: "A dispersão dos judeus já começara alguns séculos antes de Jesus Cristo. O tempo dessa dispersão ainda não terminou. As profecias bíblicas não podem de modo algum referir-se ao cativeiro de Babilônia, porquanto Abraão era originário de Ur, na Caldéia, país que devia conhecer perfeitamente, e elas falam de terras desconhecidas dos antepassados dos hebreus. A reprovação predita não deve durar somente até os tempos modernos, antes acentua-se dia a dia, visto como foi provocada pelo crime dos Anciãos que, com sua arrogância, fizeram o processo de Jesus Cristo. Após a guerra mundial, quando a judiaria internacional se julgou toda poderosa sobre os destinos dos povos arianos, esforçou-se em provar que a sentença outrora pronunciada contra Jesus Cristo fora justa e exata, que o processo fora legal e de conformidade com as regras da época. Todavia uma mão forte impôs um freio às nefastas manobras judaicas. Na Alemanha, cujo trono abandonado

pelos Hohenzollern caíra nas mãos de Judá, surgiu a reação contra a arrogância dos judeus... Desde esse momento, o antisemitismo se acentua diariamente nos vários países do mundo. Por toda a parte ecoa consideravelmente esse movimento, sobretudo naquelas nações em que os judeus têm tudo nas mãos e a população sofre seu domínio. Pouco e pouco se vai realizando a profecia de Isaías. . .

Aliás, Moisés predisse o seu fim no Deuteronômio:

XXVIII – 29 : “...e não acertes nos teus caminhos.”

30 : “Recebas por tua uma mulher, e outro durma com ela. Edifiques uma casa e não a habites. Plantes uma vinha e não a vindimes.”

33: “Os frutos de tua terra coma-os um povo que tu não conheces, e experimentes sempre as calúnias, e sejas oprimido todos os dias.”

43: “O estrangeiro que vive contigo na tua terra subirá sobre ti e estará mais alto, e tu descerás e ficarás mais abatido.”

47: “Porque não serviste ao Senhor teu Deus com gosto e alegria de coração...”

Israel foi amaldiçoado pelo seu próprio Deus, cujos mandamentos desprezou. Por isso, os Rabinos abandonaram a Bíblia e criaram o TALMUD amoral; por isso ensinam que as palavras dos Rabinos valem mais do que as da Sagrada Escritura.

OS JUDEUS E A IGREJA

CONSTANTEMENTE, tanto os judeus como os filosemitas e os ignorantes apregoam que é contra a doutrina da Igreja qualquer combate aos judeus, inimigos ferozes dos cristãos e do cristianismo. Que isso não é verdade vamos provar com documentos autênticos. Em primeiro lugar, é preciso nunca esquecer que Nosso Senhor expulsou do Templo os vendilhões que o profanavam, brandindo um azorrague (S. João – 11-13-16): que, energicamente, condenou os crimes dos judeus e estigmatizou sempre a hipocrisia dos Rabinos, Anciãos e Fariseus: que os denominou “filhos do diabo” (Idem - VIII - 44).

Leiam-se os Cânones Apostólicos:

Cap. LXIX: “Todo padre que jejuar com os judeus ou com eles entretiver relações sociais deverá ser degradado.”

Cap. LXX: “O cristão que levar óleo à sinagoga não deverá ser admitido à sagrada comunhão.”

O Concílio de Nicéia declarou na sua Rúbrica 325: “Ninguém tem direito de entreter relações com os judeus, embora tendo em vista lucro, alimentação ou bebida.”

Os Cânones XIII do Concílio de Aurélia, XL do de Agatha,

XXVIII do de Veneza e LXX do de Latrão insistem nessas proibições.

Leiam-se os Santos Padres da igreja, os Doutores:

S. Jerônimo declara na Epístola LXV: “Sinto nojo diante desses circuncisos que perseguiram Nosso Senhor nas sinagogas do diabo.”

No Livro II, testemunha: “É uso deles maldizerem os cristãos, que chamam Nazarenos, três vezes por dia, lançando-lhes imprecações.”

Santo Ambrósio escreve no Sermão X das Calendas de Janeiro: “A sinagoga é um lugar de perversidade. uma casa de ateus, um refúgio do absurdo, que o próprio Deus condenou. “A condenação vem no cap. VII-14 de Jeremias. E mais: “Não devemos somente evitar os pagãos, mas também os judeus, porque basta conversar com eles para praticar uma impureza.”

S. João Crisóstomo pronunciou um sermão célebre contra os judeus, no qual disse: “A sinagoga é mais do que um lugar de reunião de criminosos e negociistas, é a casa do diabo. São as almas dos judeus que assim fizeram as sinagogas.”

Na Apologética, Tertuliano queixa-se de se originarem nas sinagogas as perseguições romanas contra os cristãos. Delas saíam o espírito de vingança e o ódio contra a Igreja nascente.

Os Papas Alexandre II e Inocêncio III proibiram aos cristãos sob pena de excomunhão e outras penitências ter relações com os judeus.

O Papa Pio V expulsou por uma Bula, em 1568, os judeus dos Estados da Igreja, em vista de seus crimes, atentamos, magias, roubos e blasfêmias contra o Cristo e a Virgem

Santíssima. O Papa Paulo IV promulgou outra Bula no mesmo sentido, documentando as acusações. Em 1593, o Papa Clemente VII aprovou em nova Bula o teor das precedentes. Na sua Bula de 1581, o Papa Gregório XIII conta que os judeus costumavam pregar um cordeiro numa cruz, a fim de zombarem da Paixão de Nosso Senhor. Por isso, o Santo Padre proibia dar os sacramentos a todo cristão moribundo que tivesse chamado um médico judeu para tratá-lo. Eis o texto da Bula em questão: “Nós proibimos formalmente a todos os crentes de ambos os sexos chamarem judeus ou outros incrédulos para tratar dos cristãos enfermos ou deixarem que se introduzam em suas casas. Ninguém tem o direito de chamá-los, de fazê-los vir em casa ou de utilizar seus serviços, quer para si, quer para outrem.” Essa Bula era lida no começo de todas as quaresmas. O Papa havia tomado essa resolução diante da célebre carta do Etnarca judeu de Constantinopla aos seus correligionários da França meridional, na qual lhes dizia: “Fazei de vossos filhos boticários e médicos, a fim de tirarem a vida aos cristãos.” Os textos do TALMUD citados comprovam bem esse espírito judaico.

No seu Decreto CUM SIT NIMIS, preceitua o Papa Inocêncio III: “Proibimos que os judeus exerçam cargos públicos, porque isso seria motivo para se tornarem ainda mais perigosos para os cristãos.”

O Papa Inocêncio I V louvara com estas palavras a intenção que tinha o Rei de França de expulsar os judeus de seu reino: “Os judeus não observam as prescrições da Santa Sé a seu respeito. Nós que dedicamos o maior cuidado à salvação das almas concedemos-te todo direito para expulsares os judeus. . Todas prescrições papais referentes aos judeus estão contidas no BULLARIUM ROMANUM e foram estatuídas pelos Papas Nicolau IV, Paulo IV, Santo Pio V, Gregório XIII e Clemente IX. Elas visam a defesa

completa da sociedade cristã contra esse elemento corruptor, odiento e parasitário.

* * *

Vejamos afinal alguns estratos da Carta Enciclica A QUO PRIMUM do Papa Bento XIV, datada de 14 de junho de 1751 e dirigida ao Primás, Arcebispos e Bispos do Reino da Polônia:

“Estamos informados por pessoas dignas de fé e ao corrente das questões da Polônia, assim como pelas queixas dos habitantes desse país, impelidos pelo zelo; todos se dirigiram a nós e a à Santa Sé, dizendo que o número de judeus alí é tão grande que muitos lugares, pequenas e grandes, como o das madeiras, do vinho, etc. se acha nas mãos dos judeus. São admitidos nos postos da administração das finanças do estado. Abrem casas decidades, onde as ruínas indicam terem sido habitadas por numerosos cristãos, periclitam. Tais lugares de modo tal foram invadidos pelos judeus que alí não há mais cristãos. Nesse Reino, muitas dioceses têm população e rendimento tão diminuídos que, em breve, os padres serão licenciados. Além disso, todo comércio que produza lucro bebidas, arrendam os campos e aldeias inteiras, tornando-se senhores da infeliz população cristã agrícola.

Não somente usam de violência para obrigar as pessoas a trabalhar duramente, carregando pesos demasiados e realizando tarefas terríveis, como instituíram punições e forçam muitos a trabalhar sob o chicote e à custa de outros castigos corporais. Dessa maneira, os desgraçados estão à mercê dos judeus dos quais se tornaram súditos. Ora, os judeus não têm o direito de punir, que compete a feitores cristãos; mas estes têm de obecer aos arrendatários judeus e de executar suas ordens bárbaras com medo de perder o lugar.

Além de arrendarem as rendas do Estado, arrendam mais, conforme nos informam, albergues, aldeias e terras. Disso resulta grandes injustiças para com os cristãos, às quais se ajuntam outras iniquidades. Quando se considera tudo isso, não se pode deixar de avaliar que as conseqüências serão desastrosas e poderão mesmo ser catastróficas.

O pior, porém, é que os judeus são recebidos na côrte dos nobres, empregados como administradores de bens familiares ou comerciais com o título de marechal da corte. Conseguem, assim, o direito de habitar a mesma casa que os cristãos, podendo exercer o seu poder à custa destes. Nas cidades, bem como nos estabelecimentos públicos, podem-se ver os judeus misturados aos cristãos. Acrescente-se a essa iniquidade poderem os judeus ter em casa criados cristãos dos dois sexos.

Os judeus consagram-se especialmente ao comércio, o que lhes permite enriquecer. Com uma usura ilimitada, arruinam completamente as rendas e heranças. Embora tomem dinheiro emprestado dos cristãos com taxa elevada, com o fim de construir sinagogas, é claro para quem reflete que esse dinheiro lhes vai servir para comerciar e que ganharão juros maiores do que pagam, contando além disso que os seus credores cristãos defenderão suas sinagogas por nela terem seu cabedal empregado.”

Depois de advertir, deste modo os prelados e o clero sobre o panorama do judaísmo na Polônia míniatura do que hoje se passa na Rússia, o Papa chama a sua atenção para os Estatutos Sinódicos, que os combatem, mandando que os cristãos se abstenham de qualquer negócio com os judeus e punir os que recalcitrem, a fim de “libertar o nobre Reino da Polônia do envilecimento e opróbio”.

A palavra de Roma não teve eco no seio da nobreza poloneza judaizada e a nação envileceu a ponto de ser conquistada pelos vizinhos e entre eles repartida. Hoje essa ameaça pesa sobre

todo o mundo cristão. E as advertências do Pontífice servem para todas as nações.

Finalmente:

“Ora – diz ilustre prelado – se Jesus Cristo Nosso Senhor lutou de maneira tão tenaz contra a maldade dos judeus, devemos imitá-lo. Temos mesmo o dever de combater os crimes e os planos infernais dessa raça.”

Esses planos constam da doutrina rabínica estampada no **TALMUD**, raiz mestra de **OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO**.

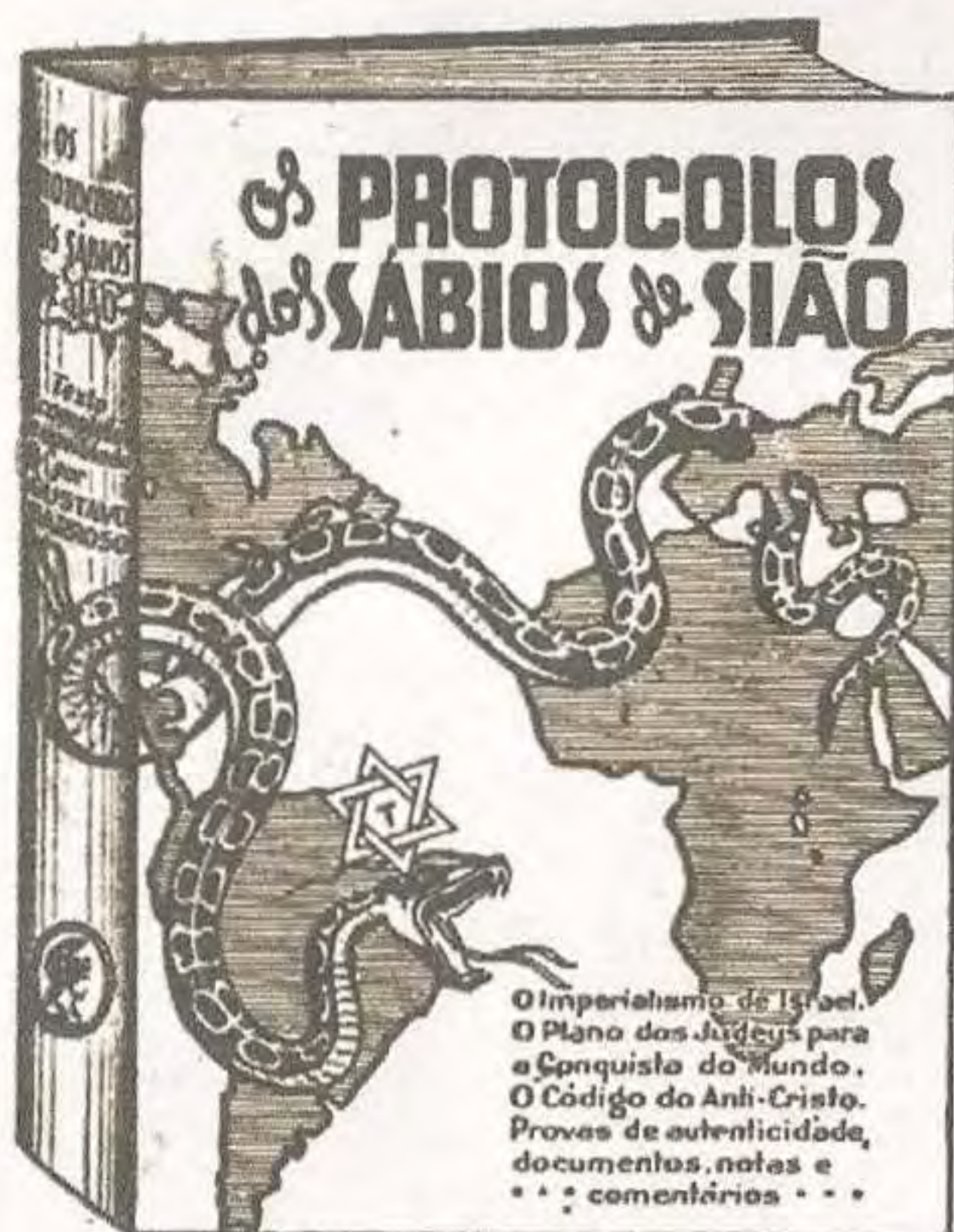
AOS POVOS CRISTÃOS EM GERAL!

NÃO deixem de LER o livro mais debatido no mundo:

O CÓDIGO DO ANTI-CRISTO

3.^a EDIÇÃO

23.^o MILHEIRO



NÃO percam a oportunidade de conhecer:

O plano dos judeus para a conquista do mundo cristão.

SE é Cristão, cumpra seu dever adquirindo, neste livro, o conhecimento da questão de maior relevância para a humanidade! Nele encontrará respostas a estas perguntas: Que são êsses "protocolos?" Quem são os "Sábios de Sião?"

"A leitura, deste livro forte, nobremente pensado, vibrantemente escrito e documentado, deve ser recomendada a todos aqueles que se interessam pela obra dos "sábios de Sião", envenenadores de povos, empresários de catástrofes internacionais, serpente viscosa que procura, na constrição dos seus anéis de bronze, asfixiar o mundo".

Júlio Dantas, no
"Correio da Manhã"

Volume broch. Rs. 7\$

APRESENTAÇÃO ÚNICA NOS ANAIS EDITORIAIS DO BRASIL!

EDIÇÃO DA "Agência MINERVA" — Caixa 1991 - São Paulo

Adquira este livro na SUA LIVRARIA. Se não o encontrar, peça à distribuidora que lh'o enviará contra reembolso:

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S/A.

Rua Sete de Setembro, 162 — Rio de Janeiro